



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CUIDAR E EDUCAR: as produções do GT07 da ANPED em 2013, 2015 e 2017

LAURA CRISTINA HENZEL CARVALHO

Florianópolis

2019

LAURA CRISTINA HENZEL CARVALHO

CUIDAR E EDUCAR: as produções do GT07 da ANPED em 2013, 2015 e 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Adair Agostinho.

**Florianópolis
2019**

LAURA CRISTINA HENZEL CARVALHO

CUIDAR E EDUCAR: as produções do GT07 da ANPED em 2013, 2015 e 2017

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi considerado adequado para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 14 de Dezembro de 2019.

Profa. Dra. Jocemara Triches/ Profa. Dra. Sandra Luciana Dalmagro
Coordenadoras do Curso de Pedagogia

Profa. Dra. Kátia Adair Agostinho (Orientadora – MEN/UFSC)

Banca Avaliadora

Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello – MEN/CED

Profa. Dra. Mônica Teresinha Marçal – MEN/CED

Profa. Mestre Rúbia Vanessa Vicente Demétrio – NDI/CED (Suplente)

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” - Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Kátia Adair Agostinho, que compreendeu as minhas dificuldades e se dispôs a me ajudar realizando orientações aos sábados em sua própria casa, me mandando mensagens de incentivo, apoio e motivação, e me mostrando o quanto eu era capaz de produzir este trabalho. Professora, você contribuiu de um modo tão grande neste processo que a palavra obrigada não expressa o quão grata sou a você.

Agradeço especialmente minha mãe Neli Henzel, que além de acreditar fielmente em minha capacidade de entrar na Universidade Federal de Santa Catarina se esforçou muito para que eu pudesse me manter e terminar o curso.

Além da minha mãe, agradeço ao meu pai Lauro Alves Carvalho, que mesmo nunca tendo dito sei o quanto se orgulha, agradeço também meus irmãos Bruna Maria Henzel Carvalho e Gean Carlos Henzel Carvalho por terem suportado meu estresse em finais de semestre, por terem compreendido e colaborado quando precisei estudar para as provas, fazer trabalhos, e até mesmo neste processo de Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço de coração ao meu noivo Maycon da Silva Mendes, que apareceu na minha vida quando eu estava iniciando a quarta fase do curso, e que desde lá vem aguentando meus choros de final de semestre, minhas reclamações, minhas vontades de desistir, minhas indignações, e principalmente minhas ausências. Muito obrigada pela paciência, pelo incentivo, pelas tentativas de me acalmar, pelo carinho e amor.

Meu muito obrigada também vai para a Andriélen e para a Thaynara, colegas que se tornaram amigas e que fizeram o meu processo de graduação ser mais leve e feliz.

Sou grata também ao Centro de Ciências da Educação - CED e ao Programa de Educação Tutorial - PET por terem me possibilitado conhecer tantos professores e colegas maravilhosos, e participar de eventos, cursos, formações, palestras, e movimentos políticos.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar o que vem sendo discutido acerca do cuidar e educar com bebês nos textos do Grupo de Trabalho 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, nas três edições da ANPEd Nacional, dos anos de 2013, 2015 e 2017. A escolha metodológica para a realização do trabalho foi a análise de conteúdo dos textos selecionados no site da ANPEd, resultando sete trabalhos a partir dos critérios selecionados. O trabalho foi organizado em três seções: a primeira compõe a justificativa sobre a escolha do tema, apresenta a pertinência e importância do estudo, e também a metodologia percorrida; na segunda são discutidas as concepções teórico-metodológicas acerca do cuidar e educar, com base nas autoras Daniela Guimarães (2008), Fernanda Tristão (2004) e outras, utilizando também documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). Na seção três apresenta-se as análises dos sete textos selecionados, e ao final conclui-se que mesmo que a temática venha sendo pesquisada e discutida há muito tempo, ainda hoje encontra-se dificuldades da tradução para as práticas da concepção de cuidar e educar em uma perspectiva ética, com o conhecimento da amplitude e complexidade da temática, assim ressaltamos a importância dela ser mais estudada, pesquisada e discutida.

Palavras-chave: Cuidar e educar; Bebês; Crianças pequenas; Creche; Educação Infantil; Produções da área.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Justificativa.....	8
1.2 Objetivos.....	12
1.3 Metodologia.....	12
2. CUIDAR E EDUCAR: Aprofundando saberes	17
3. CUIDAR E EDUCAR: nos estudos do GT07 da ANPEd nos anos de 2013, 2015 e 2017	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Desde criança, eu dizia que quando eu crescesse me tornaria professora, entretanto durante o ensino médio tentei pensar em outras profissões que tivessem a ver comigo, pois havia descoberto que os professores não tinham a devida valorização que mereciam. Após refletir bastante sobre o assunto cheguei a conclusão que de fato eu queria, e ainda quero, ser professora. Sendo assim, o curso de Pedagogia foi a minha primeira opção quando prestei vestibular para a Universidade Federal de Santa Catarina. Antes de dar início a graduação e ter qualquer experiência na área da educação, eu sempre me imaginava atuando com crianças do Ensino Fundamental, pois para mim na Educação Infantil não era necessário ensinar nada, bastava cuidar das crianças e deixá-las brincar, ou seja, uma professora¹ de Educação Infantil não tinha o mesmo peso que uma professora do Ensino Fundamental.

Na quinta fase do curso iniciei meu primeiro estágio não-obrigatório no CEI-ASHU - Serviço de Educação Infantil - Associação dos Servidores do Hospital Universitário, essa instituição atende exclusivamente filhos dos servidores do HU - Hospital Universitário. Cada turma é composta por no máximo doze crianças, no caso das turmas com crianças de zero a três anos há uma professora e três bolsistas, e nas turmas com crianças de quatro a seis anos há uma professora e duas bolsistas. As bolsistas que aqui me refiro são todas estudantes de diversos cursos da graduação da UFSC, e atuam como auxiliares de sala. Por ser uma instituição ligada a UFSC, muitos cursos aproveitam para utilizar a instituição como um campo de estágio-obrigatório, sendo assim, estudantes dos cursos de nutrição, psicologia, odontologia, fonoaudiologia, e vários outros, acabam de certo modo contribuindo com o trabalho pedagógico que é desenvolvido na instituição.

Atuei no CEI-ASHU na turma com crianças de um a dois anos de idade, e foi no decorrer deste estágio que percebi o quão equivocada estava a minha compreensão acerca da Educação Infantil. Aos poucos fui percebendo que os momentos de cuidado (higiene-alimentação) estavam associados à educação, um exemplo que me recordo é o da hora do almoço: cada criança tinha duas colheres, uma ficava com a própria criança para que ela pudesse ir tentando comer sozinha, e a outra ficava com a professora, para que

¹ Todas às vezes em que falo sobre as professoras, me refiro também aos profissionais de sexo masculino, ou seja, professores. Mesmo que a profissão conte com um número muito maior de mulheres, reconheço que os homens também devem aparecer nesta pesquisa, pois mesmo que em minoria eles fazem parte da profissão.

pudesse alimentar a criança, já que muitas vezes a mesma derrubava a comida da colher enquanto tentava levar até a boca. É possível observar que essa prática foi planejada pela professora, pelo fato de possibilitar às crianças, a tentativa de se alimentarem sozinhas.

Foi em meio a esta imersão nas práticas da Educação Infantil que me deparei com muitas reflexões e inquietações relativas às situações de cuidado que parecem ocorrer de forma mecanizada e automática, como por exemplo, uma troca de fralda ou uma troca de roupa. Esta inquietação nos ajuda a pensar a questão do planejamento. Será que estas ações que parecem ocorrer de forma automática, são planejadas?

1.1 Justificativa

A Educação Infantil orienta, a partir das DCNEI (2009), que as propostas pedagógicas tenham como centro a criança, que no caso dos bebês, consideramos como um bebê de *corpo inteiro*², que neste momento da vida necessita de uma *ação educativo-pedagógica*³ que esteja a todo o tempo da docência atenta a dimensão biológica-afetiva; esta não obedece a uma normatização, regulação previamente determinada. Os bebês apresentam as demandas biológicas-afetivas a qualquer tempo. Assim, uma pergunta importante para nós da área é: qual o planejamento daria conta desta especificidade?

De acordo com Fernanda Gonçalves (2014), Fabiana Duarte (2012) e Fernanda Tristão (2004), as crianças seguem ritmos próprios, que se diferem do tempo da rotina institucional e do tempo da sociedade de um modo geral. Algumas crianças levam mais tempo para comer, enquanto outras comem muito rápido, algumas sentem sono em horários peculiares, enquanto outras nunca querem dormir, esse ritmo que cada criança segue, acaba criando um desafio tanto para a professora quanto para a instituição, já que esta possui uma rotina

² Ferreira, 2004.

³ Nossa defesa por uma ação educativo-pedagógica se inspira na tese de Rosinete Schmitt (2014). A autora afirma que é inegável, que toda relação social é educativa, e que por tanto não haveria necessidade de um profissional docente, com formação específica para se responsabilizar pela educação das crianças em espaços institucionais. No entanto, incluir de forma indissociável o adjetivo pedagógico na descrição da ação docente com crianças pequenas significa afirmar e legitimar o caráter específico desta ação, não a confundindo com profissionais ou adultos de outros âmbitos sociais. Ou seja, a função do docente tem sim um caráter educacional no seu sentido mais amplo, mas tem também um caráter pedagógico, ou seja, de intencionalidade prevista, acompanhada e sistematizada, a partir de concepções teóricas, de um posicionamento político que fomentam seu fazer. Assim, a ação docente é aqui compreendida como uma ação educativo-pedagógica.

estabelecida. Levando em conta essas especificidades presentes na Educação Infantil, Tristão (2004, p.162) anuncia que “é possível afirmar que as atividades de cuidado também devam ser planejadas e organizadas.”.

Desta forma, é necessário que a professora tenha um olhar atento e sutil para perceber e identificar as especificidades de cada bebê, visto que, quando a professora observa com atenção e sutileza⁴, e identifica como se dá o tempo, a linguagem (corporal e/ou oral), e o corpo de cada bebê, a mesma já está colocando em prática a ação do cuidado, pois planeja com o cuidado de contemplar as necessidades biológicas de cada bebê.

Ao decorrer do estágio no CEI-ASHU, percebi que as crianças criaram modos de comunicar tais necessidades, uma tentava subir sozinha no trocador, outra tirava uma peça de roupa da mochila e levava para mim, e claro, também tinham aquelas que se comunicavam através do choro, do riso, e do balbucio para demonstrar suas vontades e necessidades.

Nesse sentido, as contribuições dos estudos de Wallon (1975) são importantes ao considerarem o movimento humano, no primeiro ano de vida, como testemunho da vida psíquica, que possibilita o estabelecimento de vínculos sociais. Para o autor, antes da apropriação da palavra, “a criança, para se fazer entender, apenas possui gestos, ou seja movimentos relacionados com as suas necessidades, ou o seu humor, assim como com as situações que sejam suscetíveis de as exprimir” (SCHMITT, 2008, p.166 apud WALLON, 1975, p. 75)

Logo depois que tive outra importante experiência, comecei a cursar a disciplina “Organização dos processos Educativos na Educação Infantil II - MEN7152”, que por forças maiores acabei reprovando e refazendo no semestre seguinte. Inicialmente refazer a disciplina não me agradou, mas atualmente percebo e entendo o quão importante esse processo foi na minha formação. Nas duas vezes em que cursei a disciplina, foi realizada uma visita de campo em uma instituição pública de Educação Infantil, portanto tive o prazer de conhecer duas instituições diferentes. Nessas instituições pude observar a rotina, os espaços, e até ficar um pouco em cada turma para uma breve observação. Nestas disciplinas foram trabalhados textos da Daniela Guimarães, Fernanda Tristão, Fabiane Duarte, Rosinete Schmitt, e alguns outros. Alguns destes textos tive que ler novamente quando cursei novamente a disciplina, já outros foram novidade. No entanto, esta pesquisa me tem feito

⁴ TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **SER PROFESSORA DE BEBÊS**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2004, p.205.

voltar às leituras desta disciplina a fim de construir, desconstruir, e reconstruir algumas compreensões que são fundamentais para desenvolver este trabalho.

A referida disciplina tem um foco maior nos bebês, então foi nas aulas dessa disciplina que eu pude compartilhar as experiências que eu havia tido no estágio não-obrigatório, e que eu pude discutir questões relacionadas ao cuidar e educar, contemplando assim, o tempo dos bebês e da creche, o espaço, a rotina, e outros.

Desde que cursei essa disciplina e realizei o estágio não-obrigatório, me deparei com muitos comentários e questionamentos que me causaram certo desconforto e revolta, e infelizmente sei que ainda irei me deparar com vários outros. Muitos desses comentários e questionamentos escutei de familiares, amigos, e até mesmo professoras (de estágios posteriores). Nestes comentários era sempre evidente uma compreensão não muito diferente daquela que eu mesma tinha, de que a Educação Infantil é um espaço apenas de brincadeira e cuidado. Consequentemente um dos questionamentos mais frequentes é em relação ao trabalho docente, pois se a Educação Infantil não é um espaço apenas de brincadeira e cuidado, mas também de educação, o que as professoras ensinam para as crianças, ou melhor, o que as professoras ensinam para os bebês?

O cuidar e o educar são aspectos indissociáveis, principalmente na primeira etapa da educação básica, contudo, algumas professoras não se preocupam muito com os momentos de cuidado, pois não os consideram parte do trabalho pedagógico, e outras que por excesso de zelo, estão tão presas aos momentos de cuidado que não conseguem planejar outras propostas ditas pedagógicas. Sobre isso, Daniela Guimarães (2008, p.2) afirma que “diversas pesquisas constataam que a associação entre esses dois termos acaba por produzir uma dualidade: educar como instruir ou ensinar; e cuidar como ‘dar conta da rotina’.”

Mesmo que um ou outro não seja levado muito em consideração eles ainda são indissociáveis, pois, por mais que as ações de cuidado ou de educação não sejam planejadas, elas inevitavelmente acontecem, já que ao mesmo tempo em que a professora educa elas está cuidando, e vice-versa.

Depois de ter concluído a disciplina que tratava mais especificamente sobre os bebês, pude realizar o estágio obrigatório em uma Creche pública de Florianópolis com crianças do G2 (faixa etária de 1 a 2 anos). Neste estágio ao viver intensamente a relação da indissociabilidade do cuidar e educar, muitas questões se colocaram, e me causaram uma

enorme inquietação, inclusive tenho problemas para falar sobre isso para não incorrer em riscos de deslizamentos éticos, de acusar os sujeitos da prática pedagógica.

O estágio obrigatório nos dá a possibilidade de viver intensamente o contexto educativo-pedagógico junto aos sujeitos: crianças e adultos, profissionais da Educação Infantil. Essa constância junto às práticas pedagógicas me deu a oportunidade de compreender que em muitos momentos elas diferiam da prática pedagógica que acredito e defendo, no entanto, não é em relação a isto que eu quero aqui me dedicar, eu quero me dedicar ao que me fez pensar e questionar sobre o binômio cuidar e educar, e é nisso que eu vou me debruçar, inclusive com certa dor e tristeza por ter presenciado de perto a dificuldade que a Educação Infantil ainda tem em traduzir para as práticas essa tal da indissociabilidade.

Comecei a me questionar sobre a pouca utilização que os bebês tinham dos vários espaços da creche, porque será que eles não vão com mais frequência para o parque? Por que será que não frequentam a biblioteca? Outra questão foi a interação dos bebês com as demais crianças da creche, por que será que não assistiram a apresentação que teve na creche? Por que será que os bebês precisam entrar para a sala quando as crianças maiores chegam no parque? Ainda, outra questão muito importante e talvez a mais complexa é a relacionada ao cuidado, nestas situações tudo me parecia muito automático e feito com a maior rapidez possível, compreendo que em muitas creches, acaba havendo bebês em excesso, então talvez essa rapidez se de para dar conta de atender todos os bebês até a hora de irem para casa, ou até mesmo para dar conta de outras demandas, mas o que me questiono aqui é: será que havia a compreensão de que o cuidar e educar é uma prática dessa primeira etapa da educação básica, e que conseqüentemente deve ser mais levada em consideração no dia-a-dia? Será que com toda essa rapidez elas, as professoras, conseguem estabelecer uma relação com cada bebê, ou será que é só mais uma fralda a ser trocada?

Pode ser que estes questionamentos venham de uma limitação minha, limitação em olhar essas ações como concernentes apenas ao aspecto cuidado, de não olhar as práticas para além da superficialidade, ou seja, não perceber as minúcias. Talvez essa limitação também se de na compreensão que tenho acerca da indissociabilidade, talvez eu acreditava que compreendia o que era a indissociabilidade, mas na verdade ainda não a compreendia de fato. No entanto, mesmo que houvesse alguma limitação minha, destaco que alguns autores relatam em suas pesquisas, que perceberam algumas ações no dia-a-dia da Educação Infantil ocorrerem de forma automática/mecanizada. Dentre esses autores, destaco Fernanda Tristão

(2004), que realizou um estudo de caso com professoras do berçário de uma creche conveniada com a prefeitura municipal de Florianópolis com o objetivo conhecer e analisar como se constitui a prática pedagógica de professoras de bebês, e neste estudo a autora observou que:

O cotidiano de um grupo de bebês em uma instituição de educação coletiva caracteriza-se por ser composto de momentos cadenciados, tácitos e rotineiros, que são vividos pelas professoras sem uma compreensão dos seus fins e intenções. Diversas das ações realizadas pelas professoras no dia-a-dia da creche acabavam sendo automatizadas e, não sendo vistas como importantes, passavam despercebidas, de forma a não vir à tona a riqueza da vida diária. (TRISTÃO, 2004, p.134)

Sendo assim, a partir das experiências que tive ao longo do estágio não-obrigatório e obrigatório, das discussões na disciplina “Organização dos processos Educativos na Educação Infantil II - MEN7152”, e das conversas com a minha orientadora, cresceu em mim a vontade de descobrir e entender o que vem sendo discutido sobre o cuidar e educar nas produções científicas.

1.2 Objetivos

Objetivo geral:

Aprofundar e sistematizar a produção da área, no GT07 ANPEd nos anos de 2013, 2015 e 2017, sobre cuidar e educar de bebês.

●Objetivos específicos:

●Aprofundar o estudo sobre a temática cuidar e educar com base nos autores da área e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

●Selecionar os textos do GT07 da ANPEd dos anos de 2013, 2015 e 2017 que discutam sobre crianças pequenas, bebês, cuidar e educar, creche, 0 a 3 anos, e berçário.

●Analisar os textos selecionados a fim de compreender o que eles apresentam sobre o cuidar e educar.

1.2 Metodologia

No processo de construção do estudo consideramos que um ótimo recurso para o aprofundamento da temática seria a imersão nas reuniões nacionais da Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, já que esta conta com textos e discussões de todo o Brasil, para tanto utilizaremos mais especificamente os trabalhos do GT07 – Educação de Crianças de Zero a Seis anos. Além disso, um dos motivos pelo qual optamos pela escolha de estudar os bebês é de que o estudo de Fernanda Gonçalves (2014) mostrou o quanto as pesquisas com bebês cresceram entre 2008 e 2011, embora reconheça que necessitamos de mais pesquisas com este recorte.

A ANPED⁵ (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) é uma associação sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores⁶. Para realizar esta pesquisa, fizemos um levantamento a partir dos trabalhos apresentados nas 36º, 37º e 38º reuniões nacionais da ANPED, que correspondem aos anos de 2013, 2015 e 2017.

Este estudo, da produção na área, visa aprofundar e sistematizar o conhecimento científico acumulado no que diz respeito ao cuidar e educar de bebês. Com o objetivo de trazer discussões atuais e relevantes ao trabalho, analisaremos os trabalhos que foram aceitos e apresentados nas Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Mais especificamente as 36º, 37º e 38º reuniões, respectivamente realizadas em 2013, 2015 e 2017.

A escolha de analisar os textos da ANPED se deu por compreender que a mesma, ao longo de sua trajetória, que teve início em março de 1978, construiu “um espaço permanente de debate e aperfeiçoamento para professores, pesquisadores, estudantes e gestores da área.”. (ANPED, 2019). Este espaço contribui na promoção do desenvolvimento do ensino e da pesquisa em educação, e conseqüentemente o aperfeiçoa e aprofunda. Com mais de quarenta anos de história, a ANPED se tornou referência na produção e divulgação do conhecimento em educação. (ANPED, 2019).

O grupo de trabalho em que os textos a serem analisados está inserido, chama-se GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos - no entanto, esta nem sempre foi sua nomenclatura. Em 1981, quando o GT iniciou efetivamente a participação na reunião anual, ele chamava-se de GT de Educação Pré-escolar (GONÇALVES, 2014). É possível que na época, essa

⁵ O acervo da ANPED pode ser acessado em <http://www.anped.org.br/>

⁶ Essas informações estão disponibilizadas no site da ANPED supracitada.

nomenclatura tenha se dado por conta do predomínio de pesquisas que tinham como preocupação a criança pré-escolar, portanto, também é possível que a nomenclatura tenha sido alterada por conta da mudança de foco de grande parte das pesquisas, que passou a contemplar não apenas as crianças que estão em fase pré-escolar, mas também as crianças de zero a três anos. Assim, serão analisados somente os textos dos trabalhos apresentados no (GT07) - Educação de Crianças de 0 a 6 anos, já que este trata especificamente sobre a educação de crianças de 0 a 6 anos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977), pode ser resumida em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN. p.42, 1977)

Sendo assim, utilizaremos um conjunto de técnicas para sistematizar e explicitar o conteúdo dos textos a serem analisados. Para Bardin (1977) a organização da análise possui três polos cronológicos, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, juntamente com a inferência e a interpretação.

É na fase da pré-análise que os materiais a serem analisados são escolhidos/selecionados, que as hipóteses são formuladas e os objetivos são elaborados, de modo a fundamentar a interpretação final. A fase da exploração do material é basicamente a administração sistemática das decisões a serem tomadas, essa fase é longa e essencial, já que é nela que se codifica e/ou enumera os conteúdos, a partir de regras previamente formuladas. No tratamento dos resultados e interpretação, terceira e última fase, os resultados são tratados de modo que sejam válidos, que no caso desta pesquisa, é a operação estatística simples (porcentagens). A partir das porcentagens pode-se adiantar algumas interpretações, que podem ir de encontro com as hipóteses iniciais, ou apresentar descobertas inesperadas.

Sendo assim, para dar início a pesquisa, começamos selecionando os textos da 36ª, 37ª e 38ª reunião utilizando como critério as palavras-chave: crianças pequenas, bebês, cuidar e educar, creche, 0 a 3 anos, e berçário, buscando-as nos títulos dos textos, resumos e também nas palavras-chaves. Outro critério de seleção foi a aceitação do texto, para entrar na seleção o texto deveria estar aceito pelo GT, haviam três textos da 37ª reunião que entrariam na seleção, no entanto não foram aceitos pois estavam excedentes.

Ao término do primeiro levantamento, obedecendo ao critério de seleção, consideramos importante destacar o total de trabalhos apresentados em cada reunião que tratou sobre bebês. Na 36ª reunião de doze trabalhos apresentados sete discutiram bebês, crianças pequenas e creche, na 37ª reunião de vinte e nove dos trabalhos apresentados oito discutiram bebês, crianças pequenas e creche, e na 38ª reunião de dezessete trabalhos apresentados cinco discutiram crianças pequenas e creche, resultando então em vinte textos a serem analisados.

	36º Reunião (2013)	37º Reunião (2015)	38º Reunião (2017)
Quantidade de trabalhos apresentados:	12	29	17
Quantidade de trabalhos que discutiram sobre bebês, crianças pequenas e creche:	7	8	5

No início desta busca tínhamos colocado a palavra-chave – Educação Infantil -, o que gerou um volume maior de textos selecionados, lidos e fichados, mas no decorrer do estudo vimos que a mesma não nos ajudava a chegar aos estudos dos e com os bebês e, ainda, pelo objetivo do GT07 ser a Educação Infantil. Sendo assim, decidimos por retirá-la.

Pelas palavras-chave eleitas neste primeiro olhar sobre os dados, podemos perceber que os bebês têm um espaço significativo nas discussões do GT07, ganhando mais visibilidade na reunião de 2013 com 36,8%, e diminuindo nas reuniões seguintes, com 21,6% na reunião de 2015, e nenhum na reunião de 2017, desta última reunião o que encontramos foram discussões acerca de crianças pequenas.

Entendendo que o tempo para produzir a pesquisa é curto, e que há a necessidade de refinar um pouco a seleção dos textos, realizamos a leitura do resumo de cada um dos textos selecionados, com o objetivo de analisar se ele se aproxima do foco desta pesquisa, que é o cuidar e educar bebês e crianças pequenas na Educação Infantil.

A partir da leitura dos resumos, selecionamos quatro textos da 36ª reunião, três textos da 37ª reunião, e nenhum texto da 38ª reunião. Mesmo que inicialmente houvessem textos selecionados desta última reunião, pois continham alguma das palavras-chave, foi observado a

partir da leitura dos resumos que nenhum dos textos tinha como foco o cuidar e educar bebês e crianças pequenas na Educação Infantil, o foco dos textos se dava na literatura, na pré-escola, na avaliação, nas relações étnicas, na produção acadêmica, na creche universitária, nas políticas sociais e públicas, nas formas regulatórias e nas datas comemorativas. Portanto, sete textos serão analisados nesta pesquisa.

Para a análise dos materiais encontrados foi realizada a leitura de todos os textos na íntegra e realizado o fichamento de cada um com o uso de excertos dos trabalhos selecionados que julgamos nos ajudar a compreender o modo como educar e cuidar têm sido compreendidos pelos distintos pesquisadores. A partir de uma segunda leitura dos textos, já fichados, fiz um resumo de cada texto para seguir no estudo e aprofundamento das temáticas que se relacionam com nossa pesquisa.

Assim, organizamos o trabalho em três seções: a primeira, a introdução, apresenta a justificativa sobre a escolha do tema, sua pertinência e importância, nela ainda são apresentadas a metodologia utilizada e os objetivos do estudo. Na segunda seção são discutidas as concepções teórico-metodológicas acerca do cuidar e educar, com base nas autoras Daniela Guimarães (2008), Fernanda Tristão (2004) e outras, utilizando também documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). Na seção três apresentam-se as análises dos sete textos selecionados, em que dialogamos com as produções eleitas na busca de aprofundamentos acerca do cuidar e educar. Ao final temos as considerações finais em que conclui-se que mesmo que a temática venha sendo pesquisada e discutida há muito tempo, ainda hoje há dificuldades das professoras e professores traduzirem para a prática o conceito de cuidar e educar.

2. CUIDAR E EDUCAR: aprofundando saberes

Ao aprofundar os saberes sobre a discussão do binômio cuidar e educar na Educação Infantil dialogamos com Guimarães (2008), que baseada nos estudos de Kuhlmann (1999), diz que isso se dá por conta da construção histórica da creche no Brasil, que diferente das escolas, foram criadas para atender a população pobre, ou seja, os filhos das ex-escravas⁷ e trabalhadoras domésticas e fabris⁸. Mais tarde, em 1943 a CLT - Consolidação das Leis do Trabalho - determinou que empresas com no mínimo trinta mulheres maiores de dezesseis anos deveriam oferecer um espaço de guarda para crianças lactantes, ou seja, creches. Portanto, o desenvolvimento histórico da creche no Brasil estava ligado às relações mãe-trabalho-criança, e de certo modo esta relação ainda se dá atualmente.

A creche ainda é um lugar em que as mães ou os responsáveis deixam as crianças para que possam trabalhar, pude perceber isso no cotidiano das instituições em que realizei tanto o estágio não-obrigatório quanto o estágio obrigatório, quando as crianças são deixadas nas creches e seus familiares os dizem *“agora você vai ficar na escolinha porque a mamãe precisa trabalhar”*, *“filho, a mamãe precisa ir logo pra não se atrasar”*, *“a mamãe vai trabalhar e já vem te buscar, ta?!”*. O que faz parecer que a creche é um depósito, que possui pessoas para cuidar das crianças enquanto a família trabalha, e que as crianças só a frequentam por necessidade da família. É menos comum presenciar diálogos que explicitem as funções da creche, para além do cuidado, como um lugar onde as crianças podem interagir com outras crianças e outros adultos, que podem aprender coisas novas, e que podem principalmente brincar.

De fato, inicialmente as creches tinham um caráter assistencial e tinham como objetivo a guarda e proteção de crianças. Montenegro (2005) e Kuhlmann (1999) compreendem que a face negativa do cuidado tem sido a assistência, entretanto, Guimarães (2008) diz que este pensamento deveria ser revisado, principalmente no contexto brasileiro, onde as iniciativas de assistência são mantidas pelo campo da educação. Essas iniciativas são muito importantes, já que a maior parte dos brasileiros vive na pobreza e na precariedade, e precisam ter assegurados o direito à vida, à dignidade, à participação e à oportunidade de vida digna.

⁷ Pós Abolição da Escravatura no Brasil.

⁸ O cenário urbano já emergia neste período.

Realmente não há nada de negativo nos serviços de assistência, inclusive as instituições educativas prestam estes serviços⁹ até hoje, pois são políticas públicas previstas na constituição e direito de todos os cidadãos. No entanto a crítica que fazemos aqui, é em relação ao assistencialismo, e não aos serviços e iniciativas de assistência. O assistencialismo é compreendido como uma forma de oferecer um serviço compreendido como favor por meio de boa vontade ou de interesse de alguém e/ou alguma empresa, e não como um direito a ser garantido, assim como as primeiras creches em 1943 após a consolidação da CLT.

Entretanto, as creches não são mais assistencialistas no modo como são prevista nos documentos mandatários, fica claro no artigo 5º das DCENEIs que as instituições de Educação Infantil são estabelecimentos educacionais que cuidam e educam crianças de zero a cinco anos de idade:

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (DCENEI, 2009, p.01)

Outro ponto importante de destacar, é que as creches não são mais pensadas apenas para a população pobre, atualmente existem muitas instituições de Educação Infantil privadas com valores muito altos, e que só podem ser acessadas por pessoas de classe econômica mais elevada. Essas instituições oferecem materiais didáticos¹⁰ específicos para todas as faixas etárias, aulas de inglês, agenda escolar eletrônica¹¹, e acesso a câmeras de segurança em tempo real via aplicativo. A partir de um estágio não-obrigatório que realizei em uma instituição privada acredito que posso afirmar que nestas, majoritariamente as famílias também só levam as crianças para a creche pois precisam ir trabalhar, entretanto como

⁹ Um desses serviços é o Programa de Combate à Evasão Escolar (APOIA), este serviço visa garantir a permanência na escola de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos. As instituições públicas também conseguem realizar encaminhamentos para postos de saúde, seja para conseguir psicólogo, fonoaudiólogo, etc, ou para consultas de emergência caso seja necessário.

¹⁰ Refiro-me a apostilas e programas como o Mind Lab, que é um programa de desenvolvimento de habilidades e raciocínio, com jogos e missões que cada faixa etária precisa solucionar.

¹¹ Acredito que seja necessário discussões sobre este assunto. Essas agendas geralmente incluem fotos e/ou vídeos das propostas diárias das professoras, é um meio de mostrar aos pais o que foi realizado, e não um meio de registro para a professora. Além disso, a professora precisa escrever um breve resumo sobre a proposta realizada. Se o foco do trabalho docente é a criança, será que a professora não acaba perdendo muito tempo com a agenda? Será que há alguma forma que a faça não perder muito tempo com essa questão? Essa agenda tem algum valor para as crianças? Ela é de fato necessária?

possuem uma condição financeira mais elevada vão em busca de um lugar educativo de aprendizagem que ao mesmo tempo zela pelo cuidado – as pré-escolas.

O motivo que na maioria das vezes faz com que as famílias tanto de classe popular quanto as de classe alta, coloquem as crianças na creche, é a necessidade de alguém que as cuide enquanto as mesmas trabalham. Mas se por um lado as creches públicas, que geralmente atendem crianças das classes populares, são vistas com um lugar de guarda e cuidado, as creches privadas que atendem exclusivamente crianças ricas, com exceção dos casos de crianças com bolsa¹², são vistas como um lugar educativo de aprendizagem. Em ambos os casos, é notável a dicotomia entre o cuidar e educar, em um prevalece a visão de que é apenas o cuidado, em outro, de que é a educação.

Geralmente o cuidado é considerado/compreendido como atender as demandas de sono, alimentação e higiene, e muitas vezes também enfatiza uma preocupação com a saúde, no sentido de prevenção de doenças, e garantir a limpeza (GUIMARÃES, 2008). Pelo fato da grande maioria das profissionais da educação serem mulheres, muitas vezes o cuidado perde seu caráter pedagógico e seu fundamento teórico próprio da Pedagogia pois, as famílias e as próprias professoras, demonstram em suas práticas que seus saberes são experienciais (DAGNONI, 2011).

Tem aprendizagens que a vida dá! Eu fui vendo isso nas trocas de fraldas com a minha filha. Eu vejo que nessa hora é um momento só meu e dele... O bebê também precisa de qualidade para viver, principalmente porque já está longe da família (Entrevista, 05/12/2010, Grifos meus). (DAGNONI, 2011, p.67)

Será que somente mulheres que já foram mães ou que já tiveram alguma experiência com crianças podem ser professoras? Será que homens não conseguiriam assumir uma turma de berçário pelo fato do cuidado ser um aspecto incorporado ao feminino? Será que as mulheres que nunca passaram pela experiência de ser mãe, ou que nunca tiveram experiência com bebês conseguem desenvolver a sensibilidade que é ímpar no trabalho com a Educação Infantil?

A partir das minhas experiências nos estágios obrigatório e não-obrigatório pude perceber que essas questões e compreensões não são apenas das famílias, mas também são reveladas em algumas ações pedagógicas. Essas questões são necessárias de serem enfrentadas para que fique claro os requisitos do que é preciso para ser professor ou

¹² Desconto no valor da mensalidade oferecido por instituições de ensino particular que pode ser parcial ou total. É oferecida em vários níveis de ensino, da educação básica ao ensino superior.

professora na Educação Infantil. A experiência como mãe, ou com outras crianças pode contribuir com a professora no cotidiano da creche, entretanto, não é um requisito, inclusive, acreditar que é um requisito acaba por tirar todo o caráter pedagógico da profissão, que demanda de um fundamento teórico, e compreensão das práticas educativas. Além disso, é possível ver a figura masculina nas instituições de educação, mesmo que em poucos números no Ensino Fundamental, e em números menores ainda na Educação Infantil.

Ou seja, é preciso romper com a ideia de que o cuidado é uma função do gênero feminino, acentuamos essa defesa em um momento que estamos sendo confrontados com medidas na direção contrária, com propostas que proíbem os homens na Educação Infantil em São Paulo. O cuidado que discutimos aqui não está restrito a pertencimentos de gênero e demandas biológicas, é aprendido a partir de uma formação sólida e de experiências cotidianas, o cuidado pedagógico, que envolve o cuidado do professor para com suas práticas e compreensões em todo o momento de sua docência, envolve cuidar do outro e cuidar de si próprio, é um cuidado mais complexo, que além de cuidar educa, e vice-versa.

A discussão acerca da indissociabilidade do cuidar e educar não é nova, já em 1999, e mesmo antes, Ana Beatriz Cerisara (1999) já sinalizava as dificuldades que as creches enfrentavam e ainda enfrentam em relação ao cuidado:

A insistência em manter os termos educar e cuidar, como já foi indicado anteriormente, relaciona-se ao percurso histórico das creches e pré-escolas no Brasil. A análise do histórico dessas instituições e as relações que estas têm estabelecido tanto com as famílias, quanto com as escolas permite perceber que quando se defendeu, e ainda hoje se defende, uma função pedagógica para as mesmas foi na direção da valorização das atividades ligadas ao ensino de alguma coisa, à transmissão de conhecimentos, muitas vezes reproduzindo ou antecipando as práticas condenadas pelas próprias escolas de ensino fundamental em que são valorizadas as atividades dirigidas, consideradas como pedagógicas. Essa interpretação reducionista do pedagógico, acabou por trazer para as creches e pré-escolas uma desvalorização das atividades ligadas ao cuidado das crianças pequenas. Essa dicotomização entre as atividades com um perfil mais escolar e as atividades de cuidado, revelam que ainda não está clara uma concepção de criança como sujeito de direitos, que necessita ser educada e cuidada, uma vez que ela depende dos adultos para sobreviver e também pelo fato de permanecer muitas vezes de 10 a 12 horas diárias na instituição de educação infantil. (CERISARA, 1999, p.16)

Mas nossa compreensão é de que esta discussão não está esgotada. Mesmo que as discussões acerca do cuidar e educar tenha começado a mais ou menos vinte anos atrás, o cotidiano de creches e pré-escolas ainda vive o grande desafio de traduzir a indissociabilidade do cuidar e educar para as práticas pedagógicas. A discussão que Cerisara nos trouxe já em 1999, ainda condiz muito com a realidade atual, ao decorrer da leitura da citação acima meu

pensamento foi direto para as creches nas quais realizei meus estágios obrigatórios e não-obrigatórios entre os anos de 2016 a 2019. Além disso, muitos estudos recentes ainda relatam as dificuldades em torno deste assunto, que vão desde traduzir a concepção de cuidar e educar para a prática, até mesmo a compreensão desta concepção.

Um desses estudos é a dissertação de mestrado de Ana Paula Rudolf Dagnoni (2011), que se ancora em Barbosa (2010) para dizer que “[...] ainda caminhamos a passos lentos sobre o que fazer, como fazer, como registrar, como organizar, o que disponibilizar para as classes dos pequenos, pois os olhares e as bibliografias educacionais pouco trazem a respeito das crianças de 0 a 3 anos.” (p.14). Ou seja, ainda em 2010 e 2011 reconhecia-se que os avanços eram lentos, e que as bibliografias acerca das questões que fazem parte do cuidar e educar eram muito poucas.

Além dos autores supracitados, muitos outros autores da área têm se dedicado à temática. Podemos destacar Daniela Guimarães e Fernanda Tristão. Tristão (2004) que se inspirou em Leonardo Boff (1999) para explicar que cuidado é a representação de uma atitude de ocupação, preocupação responsabilização, e envolvimento afetivo.

Cuidado representa ocupar-se do outro, no sentido de se entregar e se dispor ao bebê, cuidado também representa preocupação e responsabilização com o outro, com o seu bem-estar, com seus sentimentos, e com sua saúde, cuidado também representa envolvimento afetivo, e talvez este seja o aspecto mais importante do cuidado, o envolvimento afetivo implica em todas as outras representações do cuidado, é através dele que estabelecemos uma relação com o bebê, e conseqüentemente conseguimos identificar os sinais de bem-estar ou desconforto, frio ou calor, fome ou saciedade, cansaço ou disposição.

É o envolvimento responsável e intencional que rompe o automatismo¹³ das ações consideradas como cuidado, o carinho, preocupação, e atenção por cada criança faz com que nos momentos de consolo, por exemplo, demonstre a elas a importância do cuidado com o outro, e como cuidar do outro é algo prazeroso e satisfatório. É comum as crianças se machucarem e chorarem em seguida, nestes momentos as professoras as pegam no colo e as consolam, dão carinho e conversam até que elas se acalmem, essa situação é recorrente com as crianças, e ao observar o cuidado das professoras para com as crianças, as mesmas começam a cuidar uma das outras, seja oferecendo um brinquedo para a crianças que está

¹³ No sentido de aligeirar os momentos a fim de dar conta da rotina, ou de até mesmo cair nela. De realizar uma troca de fralda, por exemplo, sem se dar conta das possibilidades que este momento oportuniza.

chorando, fazendo um carinho e/ou chamando a professora e sinalizando que seu par precisa de atenção.

Entretanto ainda é comum na Educação Infantil, a compreensão do cuidar e educar como duas ações distintas que em algumas situações ocorrem ao mesmo tempo. O cuidar é compreendido como dar conta das necessidades biológicas, e proteger no sentido de prevenir que os bebês se machuquem. O educar é compreendido como ensinar e estimular a independência, narrar os acontecimentos para o bebê, e realizar atividades.

A partir de um dos trabalhos de Maria José Ávila (2002) Tristão (2004) afirma que essa dicotomia entre o cuidar e educar se dá por conta de uma docência não-compartilhada, as funções consideradas educativas ficam sob a responsabilidade da professora, e as funções vistas como cuidado ficam sob responsabilidade da auxiliar. Segundo a autora, essa divisão parece fazer parte de um acordo não-verbal, que já faz parte dos “consensos” da educação de crianças pequenas.

Contudo, o cuidar e educar é considerado um binômio, sendo assim, não é possível tentar explicá-lo separando-o em duas definições, e muito menos separá-los na prática pedagógica. Tristão (2004) apresenta a discussão de Sônia Kramer (2003), no sentido de que não é possível educar sem cuidar, pois o cuidado não é uma especificidade da Educação Infantil, mas sim, constituidor das relações humanas.

Em sua tese de Doutorado, Daniela Guimarães (2008) discute o cuidado de si¹⁴ a partir das obras¹⁵ de Michel Foucault. Segundo a autora, nos anos 80 Foucault dedicou-se a estudar as relações entre o sujeito e a verdade, neste estudo o autor investiga as formas através das quais se estabeleceu no Ocidente a questão do conhecimento do sujeito sobre ele mesmo. Historicamente o que predominou na filosofia foi a fórmula “conhece-te a si mesmo” que também tinha como preocupação a relação entre sujeito e verdade, ou sujeito e conhecimento. Entretanto, Foucault toma como ponto de partida a noção grega de “cuidado de si mesmo”, o

¹⁴ GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **NO CONTEXTO DA CRECHE, O CUIDADO COMO ÉTICA E A POTÊNCIA DOS BEBÊS**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31, 2008, Caxambu. Anais da ANPED... Caxambu: GT07, ANPED, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/trabalho07.htm>>. Acesso em: 15 Ago. 2019.

¹⁵ A autora utiliza sete referências de Foucault em sua tese de Doutorado, no entanto as referências que eu desdobrei neste trabalho são apenas duas.
FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

ocupar-se consigo, para estudar também a relação entre sujeito e verdade, ou sujeito e conhecimento. Foucault justifica sua escolha dizendo que:

Na origem, o “conhece-te a si mesmo” era proferido para evidenciar a necessidade de prudência na consulta aos deuses e oráculos, no sentido de não colocar questões em demasia, situando-se, o homem, em seu lugar de mortal, sem afrontar as potências que são as divindades. Conhecer a si relacionava-se com realizar uma prática de si, no sentido da atenção a si mesmo. A separação entre cuidar de si e conhecer o mundo e a si mesmo foi produzida historicamente. (GUIMARÃES, 2008, p.61 Apud FOUCAULT, 2004b.)

Para Foucault o cuidado de si é um princípio de movimento, e de permanente inquietação. Todos deveriam cuidar-se, ou seja, inquietar-se, questionar-se, movimentar-se, ocupar-se. O cuidado de si é uma atitude, que assume o agir para consigo, para com o outro e para com o mundo, portanto exige um trabalho sobre si. Ao contrário do que parece, o cuidado de si não é conhecer-se cada vez mais, mas sim, desconhecer-se, deixar de saber o que sabia sobre si, estranhar-se, desconhecer-se, desacreditar na verdade que se tem sobre si. Parece também, que o cuidado de si é algo abstrato, no entanto, diz respeito a práticas concretas que podem ser percebidas em atitudes, modos de se comportar, formas de viver, é uma prática social que oportuniza relações interindividuais.

Guimarães (2008) reconhece que nos dias de hoje o cuidado de si pode soar como um desafio ou até mesmo assumir um valor negativo, pois supostamente o cuidado de si não é capaz de sustentar uma moral coletiva. Entretanto, nos textos antigos o cuidado de si tinha um valor positivo, nesta época o cuidado de si era considerado mais como um modo de viver junto do que como um modo de valorizar a autonomia individual. Inclusive, a condução do cuidado de si era/é a base para a condução do cuidado de si dos outros, já que o cuidado de si e do outro não exigia uma renúncia de si e muito menos era um fardo, na verdade era uma prática afirmativa que acabava por promover a ligação e o compromisso com o outro.

Um ponto que Guimarães (2008) acha importante no trabalho de Foucault em relação às reflexões que ele faz acerca do cuidado e da educação, é de que se tem a necessidade de passar pela relação com um mestre no cuidado de si. Ou seja, uma pessoa para além da família, que cuida e preserva o corpo, para além do professor, que cuida de ensinar aptidões.

O mestre é “aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si mesmo”. (GUIMARÃES, 2008, p.66 Apud FOUCAULT, 2004a, p.73).

Ao decorrer dos estudos que realizei acerca do cuidado, tive a curiosidade de ver o que os dicionários on-line diziam sobre esta palavra. Em todos os dicionários em que procurei, encontrei por definição de cuidado: *supor, pensar, tratar (-se) de, interessar-se, ter-se, ter atenção para consigo mesmo, julgar-se*. Antes mesmo de considerar a discussão teórica do que é o cuidado, já compreendo a partir das definições que encontrei, que cuidado vai para além de ações físicas, pois cuidado é pensar, e esse pensar pode ter vários outros significados, ou seja, pensar no outro, pensar nas minhas ações, pensar em que providência tomar, pensar em como organizar... Cuidado também é interesse, que assim como o ato de pensar, também possui variações, sendo assim, este interesse pode ser em relação ao outro, ao bem-estar do outro, pode ser também um interesse de si, no sentido de refletir sobre si.

A partir do que Guimarães (2008) nos diz sobre cuidado, e do que encontrei nos dicionários, compreendo que para cuidar do outro é necessário primeiro um cuidado de si, não no sentido egocêntrico, mas no sentido de um ato responsivo, que reconhece a importância e a necessidade de cuidar de si, suas intencionalidades, suas atitudes, e seus pensamentos, pois paralelamente ou sucessivamente ao cuidar de si, os docentes estarão cuidando do outro com a intenção de fazer com que o outro tenha também um cuidado de si próprio. Portanto, o cuidado aqui não tem um caráter apenas instrumental, de bem-estar e satisfação imediata (dar banho, alimentar...), isto é, o cuidado não integra somente aspectos do cotidiano.

As professoras devem considerar e fazer o cuidado baseado no presente, mas sem esquecer que há uma temporalidade, ou seja, que há uma pertença a algum passado, mas que também é preciso uma projeção para o futuro. O cuidado contempla as questões do cotidiano, mas na perspectiva do cuidado de si, também busca dar conta das questões da vida. O cuidado exige se ocupar da vida humana, seja consigo mesmo ou com a vida do outro. Guimarães (2011) afirma que “[...] o cuidado se refere a estar-aí-no-mundo na companhia de outros. Trata-se, para o autor¹⁶, de formar a si e ao outro por meio da postura dialógico-compreensiva.” (p.41).

Desse modo, a professora não deve intervir de modo autoritário no desenvolvimento e vivência das crianças, mas sim contribuir de modo que possibilite e potencialize as condições para que ocorram. O cuidado com a organização do espaço, tempo e materialidades, com as ações e com as palavras, são uns dos modos com que as professoras/professores podem

¹⁶ DALBOSCO, C.A. (2006). “O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia”. *Educação e Sociedade*, vol 27, n.97 (set.-dez.), pp. 1.113-1.135.

contribuir sem se tornar protagonistas principal do processo a todo tempo, além de fazer com que esse processo ocorra no tempo de cada criança, respeitando os diferentes ritmos.

Muitas das experiências das crianças passam despercebidas pelas professoras pelo fato de estarem ocupadas com outras tarefas, que pode ser inclusive, dar atenção para uma criança. Guimarães (2011) aponta que as professoras ainda possuem dificuldades de perceber que possibilitar às crianças o “fazer a sós” não se restringe apenas ao levar a colher à boca, colar um papel, e/ou andar, mas também a experimentar o espaço e a si mesmo baseado em suas próprias vontades e iniciativas, e sendo encorajados pelo espaço e pela presença não invasiva dos adultos.

Compactuamos com a afirmação que Guimarães (2011) faz quando esta diz que muitas vezes o cuidado é visto como proteger, e que ainda algumas professoras acham que é preciso diminuir a proteção acerca das crianças a fim de torná-las mais independentes. Essa visão aponta que ainda há uma dificuldade por parte das professoras, de compreender que dar espaço para que a criança aprenda sobre si não é desproteger, e que se preocupar e se envolver com mais intensidade não é superproteger. “A autonomia se constrói nos relacionamentos, na tensão entre conquistar a si e se relacionar fortemente com o outro.” (GUIMARÃES, 2011, p.51)

No cotidiano das creches será que as professoras e professores estão atentos ao cuidado de si no que se refere a dar atenção às próprias ações, afazeres, emoções, intervenções, propostas, organização do tempo e espaço, ou essa atenção está restrita somente a questões instrumentais como a disciplinarização e controle dos corpos, e de prevenção da saúde e higiene?

É necessário auscultar, observar, dar visibilidade e/ou dialogar com o outro, que no caso deste trabalho, são os bebês, sendo assim é preciso estar ainda mais atenta, já que alguns não se comunicam através da oralidade, mas sim de gestos, movimentos, choros, olhares, e toques.

Apesar disso, em grande parte da Educação Infantil não é esta dimensão de cuidado que prevalece, é possível perceber que tanto no processo de desenvolvimento de alguma competência motora, como engatinhar, andar, se alimentar com independência, quanto no decorrer de alguma atividade, o que parece importar não é experiência, nem a descoberta que o bebê tem de si, mas sim, a conquista de habilidades necessárias para ir para o grupo seguinte

(turma com crianças mais velhas). Em um de seus estudos, Guimarães (2008) traz um exemplo em torno desta discussão, uma das professoras que participou da pesquisa diz:

“ah falei” acho que está na hora de dar a colher pra eles na cadeira, pra estimular que comam sozinhos porque eles vão passar do berçário 1 para o berçário 2 (...) para que quando forem pro berçário 2 percam nossa dependência e virem mais independentes. (GUIMARÃES, 2008, p.143)

É importante que através de um envolvimento responsável e intencional a professora perceba os sinais da criança, as escute e ausculte, a fim de responder conforme suas demandas. É preciso ter atenção, cuidado e sensibilidade para observar que as conquistas das crianças são importantes em todos os momentos, e as mesmas são responsabilidade da ação pedagógica. Sobre isto consideramos importante trazer o que as DCENEIs (2009) indicam sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil em seu artigo 9º:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; (DCENEI, 2009, p.04)

As DCENEIs (2009) deixam claro no seu artigo 10º que as práticas pedagógicas na Educação Infantil não têm objetivo de promoção. Temos então de cuidar com esse encaminhamento e mantê-lo em atenção em nossa docência.

Consideramos que é importante demarcar em nosso estudo as contribuições das DCENEIs (2009), por ser o documento basilar da área, construído com a contribuição de diferentes pesquisadores do país. Em relação a progressão, seja de grupo ou para o Ensino Fundamental, as DCENEIs orientam que as avaliações devem ser feitas sem caráter de seleção, classificação, ou promoção, sendo assim, fica claro que as ações pedagógicas não devem ter este caráter, mas sim, promover e possibilitar os aspectos salientados no artigo 9º.

Defendemos que a ausculta é uma ferramenta fundamental para a docência nesta etapa educacional. Fernanda Tristão (2004) apresenta esta discussão dizendo que a auscultação envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro, que não é necessariamente realizada pela linguagem verbal, mas também por expressões corporais e faciais, movimentos, gestos, olhares etc. A auscultação foi conceituada por Eloisa Rocha (2010), segundo a autora:

Para uma simples ampliação do sentido semântico, ausculta redefine nossa ação, não como uma mera percepção auditiva ou recepção da informação – envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro. Inclui a recepção à compreensão, que, principalmente neste caso – a expressão do outro/criança orienta-se pelas próprias intenções colocadas nesta relação comunicativa – e lembremos que, quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central e nem única, ela é fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. (ROCHA, 2010, p.19)

A partir das discussões apresentadas aqui, reconheço e compreendo que o cuidado vem sendo há muito tempo discutido, e que ainda necessita de mais discussões. Acredito que o cuidado de cariz assistencial ainda permanece nas instituições de Educação Infantil, seja ela pública ou privada. O conceito de creche e de cuidado mudou com o tempo, sendo assim, precisa ser aprofundado tanto na formação inicial, quanto na continuada, para que as profissionais atuem de modo a garantir o cuidado pedagógico para as crianças, e de modo que qualifique sua profissão, que o diferencie do trabalho doméstico.

Além disso, compreendo que nós professoras e professores, devemos e precisamos romper a ideia de que o cuidado é uma função do gênero feminino e que necessariamente é preciso ter filhos para cuidar de bebês. Pois o cuidado pedagógico demanda não somente, mas principalmente, uma formação específica. É esta formação que promove (ou deveria promover) a compreensão das ações pedagógicas, não basta fazer, é preciso saber o que, e o porque do que se está fazendo.

Essa formação profissional deve ser garantida, principalmente, pelo fato da Educação Infantil não ser mais compreendida como assistencialista. Mesmo que os familiares e responsáveis ainda deixem as crianças nas instituições porque precisam, devemos sempre lembrar que este espaço é um direito da criança, e que portanto, lhe deve ser garantido todos os preceitos legais. O cuidado, no caráter pedagógico, e não assistencial, é um dos direitos da criança, ou seja, a criança tem direito a alimentação, higiene, bem-estar, mas principalmente, direito a explorar-se e explorar os espaços, descobrir-se, ser cuidada com o intuito de cuidar de si e dos outros.

No sentido de garantir este cuidado pedagógico, a professora precisa auscultar as crianças, mais necessariamente os bebês. A ausculta irá auxiliar a profissional a compreender os gestos, as expressões, e as emoções da criança, sendo assim, a mesma poderá responder conforme as demandas dos bebês.

3. CUIDAR E EDUCAR: nos estudos do GT07 da ANPEd nos anos de 2013, 2015 e 2017

Nesta seção traremos os textos eleitos de nossa busca para apresentar quais compreensões acerca do cuidar e educar, quais os desafios apontados, e quais os avanços conquistados, foram observados nos textos do Grupo de Trabalho 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, nas três edições da ANPEd Nacional, dos anos de 2013, 2015 e 2017.

Como já sinalizado na metodologia, não foi analisado nenhum texto da 38ª reunião em 2017, entretanto, entendemos que analisamos o GT07 da referida reunião como um todo, pois o fato de que nenhum texto da reunião mais recente abordar o cuidar e educar nos causou surpresa, já que este tema vem sendo abordado desde antes de 1999 e mesmo ainda, o fato de que vem sendo sinalizado por vários pesquisadores que este tema precisa ainda ser aprofundado.

Para a análise dos sete trabalhos eleitos elaboramos uma tabela a partir de dados mais específicos como: título, autor (es), palavras-chave encontradas juntamente com o local em que foi encontrada, metodologia, fundamentação teórica e a procedência (universidades, redes...).

TABELA 36ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED (2013):

TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE ENCONTRADA/LOCAL	METODOLOGIA	TEÓRICOS	PROCEDÊNCIA
INSERÇÃO E VIVÊNCIAS COTIDIANAS : COMO CRIANÇAS PEQUENAS EXPERIENCIAM SUA ENTRADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?	Lucilaine Maria da Silva Reis	Crianças pequenas Título Resumo Palavras-chave	Etnografia Qualitativa	Vigotski Bakhtin	Universidade Federal Fluminense - UFF

<p>A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM ENTRE OS E DOS BEBÊS NO ESPAÇO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL</p>	<p>Joselma Salazar de Castro</p>	<p>Bebês</p> <p>Título</p> <p>Resumo</p> <p>Palavras-chave</p>	<p>Etnografia</p>	<p>Bakhtin</p>	<p>Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC</p> <p>Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF</p>
<p>CONSTITUINDO O BEBÊ COMO UM CONCEITO TEÓRICO NO INTERIOR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA</p>	<p>Gabriela Guarnieri de Campos Tebet</p> <p>Anete Abramowicz</p>	<p>Bebê</p> <p>Título</p> <p>Resumo</p> <p>Palavras-chave</p>	<p>Qualitativa</p>	<p>Foucault</p> <p>Deleuze</p> <p>Simondon</p>	<p>Universidade Federal de São Carlos - UFSCar</p>
<p>AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS BEBÊS NA CRECHE: UM ESTUDO NUMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA</p>	<p>Angela Maria Scalabrin Coutinho</p>	<p>Bebês</p> <p>Creche</p> <p>Título</p>	<p>Etnografia</p>	<p>Max Weber</p> <p>Anthony Giddens</p>	<p>Universidade Federal do Paraná – UFPR</p>

Tabela elaborada pela autora

TABELA 37º REUNIÃO NACIONAL DA ANPED (2015):

TÍTULO	AUTOR	PALAVRA-CHAVE ENCONTRADA/LOCAL	METODOLOGIA	TEÓRICOS	PROCEDÊNCIA
BEBÊS QUE SE RELACIONAM COM CRIANÇAS MAIS VELHAS: CUIDADOS E CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Carolina Machado Castelli Ana Cristina Coll Delgado	Bebês Título	Etnografia	Gonzaga e Arruda Montagu Boff	Universidade Federal de Pelotas - UFPel
BERÇOS, FRALDAS, MAMADEIRAS, CHUPETAS E SUCATAS: CULTURA DE CRECHE AQUI E LÁ, ONTEM E HOJE	Caroline M. Cortelini Conceição Beatriz T. Daudt Fischer	Bebês Resumo	Análise documental Análise de história oral	Faria Viñao Benito	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos
CONCEPÇÕES DE CRECHE: UMA ANÁLISE EM	Michelle Abreu Furtado	Crianças pequenas Bebês Creche	Análise de Conteúdo	Bardin Rosemberg	Universidade de Brasília - UnB

PERIÓDICOS NACIONAIS S A1 E A2 DA ÁREA DE EDUCAÇÃO		Título			
		Resumo			
		Palavras-chave			

Tabela elaborada pela autora

Desta tabela percebemos que a metodologia mais utilizada foi a etnografia, e os teóricos utilizados variaram bastante, apenas Bakhtin aparece em mais de um trabalho. A maioria dos textos tem procedência de universidades do sul do Brasil, e vale destacar também que observamos que o descritor mais encontrado foi bebês, no entanto, não encontramos nenhum texto através dos descritores cuidar e educar, e 0 a 3 anos.

3.1 Diálogo com os textos

No texto “Concepções de creche: uma análise em periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação” de Michelle Abreu Furtado (2015) encontramos apontamentos da autora que dizem respeito à necessidade de dar continuidade aos estudos acerca da creche, por entender que existia, e ainda existe, uma grande dificuldade de compreensão da creche.

[...] ainda que sejam crescentes as pesquisas acadêmicas acerca da creche, destaca-se a emergência de mais discussões acerca dessa área, de modo a dar conta de todos os ordenamentos legais e práticas pedagógicas desenvolvidas cotidianamente nas escolas. (FURTADO, 2015, p.12)

Este estudo de Furtado (2015) é recente e tem um contexto bem atual, pois analisa 83 periódicos brasileiros de 1997 a 2011 em revistas qualis A1 e A2. Nestas análises a autora observou que quanto à finalidade da creche, 13,2% dos periódicos o apresentaram como “espaço de guarda e proteção”.

Por espaço de guarda e proteção, os artigos destacavam a necessidade de pais e mães terem um local seguro para que seus filhos permanecessem enquanto exerciam suas atividades laborais. A alimentação, os cuidados com a saúde e higiene e a formação de hábitos de bom comportamento pautavam as atividades curriculares de muitas das instituições que foram objetos de pesquisa.

Os artigos inseridos nesse percentual evidenciavam que, dentro dessa perspectiva de guarda e proteção, a concepção de profissional que lida com a criança também se alia a essa finalidade. É considerado apto para o exercício profissional aquele que não necessariamente tem formação específica, mas que exerça atividades de cuidado similares às desenvolvidas no trabalho doméstico. (FURTADO, 2015, p.9)

No trecho de um dos periódicos analisados pela autora a acepção de guarda e proteção pode ser visualizada: “[...] suas compreensões acerca de creche e de Educação Infantil se originam mais em visões assistencialistas, higienistas e compensatórias, ignorando as funções de cuidar/educar.” (YAZLLE; FERNANDES, 2009, p. 205 Apud FURTADO, 2015, p.9).

Outro estudo recente, mas que tem um contexto um pouco mais distante historicamente é o da Caroline Conceição e Beatriz Fischer (2015), a pesquisa das referidas autoras se dá no interior do Paraná na década de oitenta, sendo assim foi necessário utilizar da análise documental, e de depoimentos de professoras, monitoras e gestoras da creche. Nos depoimentos das professoras, monitoras e gestoras da creche, aparece aquela famosa demarcação, em que separa o cuidado para os bebês, e a educação para as crianças maiores. Segue abaixo um dos depoimentos sobre os bebês e um sobre as crianças maiores:

Daí descarregava todos, aí eu enchia a banheira e começava a dar banho, primeiro cortava unha, a unha dos pezinhos, das mãozinhas, aí pro banho, dava banho, trocava e ia botando cada um na sua caminha, até terminar, aí dava mamá pra todos, eu fazia os mamás, na mamadeira, quando terminava ali aí eu pegava aquelas roupas e levava na lavanderia, quando os nenês estavam quietinhos eu mesma dava uma lavada pra poder voltar a tarde (com as roupas), porque não tinha como né. [...] Aí eu ia pra cozinha iniciava a sopa deles, fazia uma sopinha, quando era 11 horas por aí eu começava a tratar deles, os que já comiam, os que não eu dava mamá de novo. Aí terminando aquilo esperava um pouco trocava todos, novamente, ajeitava todos (Laura – Monitora de Creche). (CONCEIÇÃO; FISCHER. 2015. p.4)

[...] no inverno, assim... aquelas crianças, a gente colocava os colchões no chão, colocava eles sentadinhos, cobria as perninhas deles com cobertor, dava o café lá, assim pra eles e o pãozinho na mão, uma coisa assim carinhosa [...]. Então, aí depois do lanche, troca, banho, aí nós íamos pra uma atividade, depois o almoço, aí nós escovávamos os dentes deles, tinha um tablado assim perto da pia onde eles subiam, nós escovávamos, a gente não dava a escovinha pra eles, nós escovávamos, colocava no peniquinho, coisa mais fofa, depois quem precisava de fralda a gente trocava, [...] e depois eles dormiam, mais ou menos até as 14 horas. Levantou, a gente faz mais uns exercícios com eles, umas atividades, ou ia pra fora, tinha uma quadra lá, ou fazia ali mesmo dentro da sala, aí dependendo do sol, da temperatura do dia, antes das 4 horas era o lanche, as 3 e meia, e após o lanche nós começávamos a trocá-los de volta e aquela roupinha toda ia pra lavanderia. [...]Tinha um planejamento tudo bonitinho. [...] mais atividades lúdicas né pra idade deles, eu dava, por exemplo, desenho, fazíamos em massinha. Claro eles eram pequenininhos, mas eu trabalhava a coordenação motora, eu trabalhava pra eles andarem na linha, essas coisas que a gente trabalha na educação infantil, com os pequenininhos (Juraci – Monitora de Creche). (CONCEIÇÃO; FISCHER. 2015. p.4-5)

Ambos os textos, apresentam dificuldades presentes ainda hoje no cotidiano das instituições de Educação Infantil, sendo assim, esperávamos ter encontrado um crescimento quanto ao número de estudos feitos em relação ao tema ao decorrer das reuniões.

Vários dos textos analisados abordaram a questão do cuidar e educar de forma indireta, um deles foi o da Lucilaine Maria da Silva Reis (2013), cujo estudo se intitula “Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na Educação Infantil?”, esse texto foi apresentado na 36ª reunião da ANPEd e tem como objetivo entender como se dá a entrada de crianças de dois anos em uma instituição de Educação Infantil. Logo no início a autora busca definir o conceito de inserção e adaptação com o intuito de mostrar que há uma grande diferença entre os termos e que portanto não devem ser utilizados para indicar o mesmo processo. Para Reis (2013) inserção é a entrada de um indivíduo em um determinado grupo, e adaptação seria a necessidade de alteração de si próprio para tornar-se apto e conseguir fazer parte de determinado grupo, desta forma, o sujeito não altera o espaço e a dinâmica do grupo.

A partir disso, tanto o mundo acadêmico quanto as creches e pré escolas vêm utilizando o termo inserção para substituir o termo adaptação, tendo em vista que inserção se remete a ideia de meter-se e incluir-se no grupo, causando uma transformação no próprio sujeito e no grupo que se insere já que ao se inserir no grupo, o sujeito age e vive o processo de entrada de forma diferente que os demais.

[...] quando pessoas diferentes se encontram diante da mesma situação particular, as vivências serão, na verdade, diferentes para cada uma delas, na medida em que as questões de personalidade e de suas vivências anteriores influenciarão na representação da situação vivida. (REIS, 2013, p.07)

Segundo Tristão (2004, p.158) “Os cuidados com higiene, alimentação, sono, proteção, amparo, aconchego e acalanto podem ser ricos momentos de trocas afetivas, inserção social, estimulação [...]”. É também a partir do cuidado que a inserção da criança vai acontecendo, pois como afirma Reis (2013), inserção causa transformação, seja no próprio sujeito ou em outro, no espaço, no grupo, na organização, e em tantos outros aspectos. A transformação na qual a autora se refere, é no sentido de troca.

Compreendo que para haver transformação é preciso haver relação, desse modo, é preciso que as professoras, ao se relacionarem com as crianças, as vejam como ser único, concreto, íntegro e que assim como os adultos, possuem especificidades. Ao entrar no grupo a criança se transforma por influência das relações que estabelece com seus pares, os adultos e o espaço, entretanto, estes também se modificam com a entrada da criança, já que esta traz consigo seus gostos, seus medos, seus vontades, e seus costumes.

Se a inserção ocorre a partir das transformações que as relações ocasionam, pode se dizer que inserção faz parte do cuidar. São nos momentos de troca de fralda, de alimentação,

de banho, e tantos outros que a criança cria uma relação de confiança com a professora, de reconhecê-la como alguém que pode oferecer proteção. A professora pode ainda, através da relação de confiança que o cuidado a oportuniza, oferecer incentivo e coragem, para que a criança explore outros espaços, se relacione com mais crianças, e se permita viver as experiências que a instituição de Educação Infantil tem a oferecê-la.

No caminho de discutir as relações, porém, somente entre pares (criança-criança), temos a pesquisa da Angela Maria Scalabrin Coutinho (2013). A referida pesquisa foi realizada com bebês de cinco meses a dois anos, e tem como objetivo conhecer a ação social dos bebês na creche, com uma preocupação maior em identificar como e com que incidência ocorrem essas ações sociais. Além disso, ao decorrer da pesquisa a autora identificou várias marcas das ações sociais dos bebês entre seus pares.

Coutinho (2013) destaca, a partir dos estudos de Corsaro (2003, p. 168) que uma das características da elaboração da cultura das crianças é a tentativa de adquirir maior controle da sua própria vida, logo a escolha dos pares tem certa importância. A escolha dos pares não ocorre de forma intencional, ao longo da pesquisa Coutinho (2013) observou várias cenas em que as parcerias entre algumas crianças eram mais frequentes, e que em algumas cenas também percebeu que algumas crianças ocupam um lugar de desestabilização das relações. Foi possível observar também, que alguns bebês possuem muita dificuldade de relacionar-se quando já há um grupo organizado, e outros, não conseguem construir situações que permitam ou interessem a participação de outros bebês.

Quanto às preferências relacionais, há elementos que pode-se dizer que são importantes para que as crianças tenham relações mais próximas com alguns pares. Mesmo que esses elementos variem conforme cada criança, há uma definição que envolve esses elementos e que marca essas relações: a reciprocidade. Coutinho (2013) compreende reciprocidade como “[...] uma relação compartilhada, uma ação mútua, ou seja, há uma partilha de sentidos que permite que a ação torne-se socialmente construída.” (COUTINHO, 2003, p.05)

A autora percebeu que em algumas cenas de interação que o “egocentrismo” que Piaget (1982) enfatiza ser presente nos primeiros anos de vida, especialmente, por volta dos dois anos de idade, deve ser relativizado, pois a preocupação de agir de modo partilhado e convergente em relação a ação do outro é algo abundantemente presente. Entretanto, a autora reconhece que não se pode afirmar que não há exceções.

Ainda que os adultos não determinem diretamente as escolhas dos pares, eles certamente influenciam. O modo com que organizam o tempo e o espaço das crianças

possibilita que se lancem inteiramente nas relações, ou que não vivenciem determinadas relações por conta da impossibilidade física e temporal que é proposta pelos adultos.

Coutinho (2013) afirma que o olhar é um importante elemento estruturante das ações das crianças, pois o olhar não está desvinculado das outras dimensões e vias de comunicação. O olhar se entrelaça com a expressividade do corpo, com o entorno social e cultura.

Para Le Breton (2009) é certo que o olhar não está desvinculado da globalidade do corpo, chamando a atenção para o fato de aspectos como os movimentos do corpo e do rosto, a qualidade, a duração e a direção do olhar efetivarem a sua tonalidade. Ele ainda afirma que “O olhar solidariza-se com a maneira de ser diante do outro, ele não é analiticamente destacável ou efetivo independentemente. Seu ritualismo varia de acordo com as sociedades, correspondendo a uma ordem simbólica” (LE BRETON, 2009, p. 224 Apud COUTINHO, 2013, p.09-10).

O olhar em si é uma ação, que permite o compartilhamento e a significação do que se comunica. Traduzir as ações dos bebês e das crianças pequenas coloca uma condição de aprendiz para quem se propõe a desenvolver essa tarefa. Aprendiz dessa polifonia que é própria da comunicação entre os bebês e as crianças, que se para alguns remete a falta e a incompletude, na verdade se revela como uma trama relacional bastante complexa.

A autora conclui a partir das observações feitas ao longo da pesquisa “[...] que as crianças agem movidas pelo comportamento do outro, que elas partilham sentidos da sua ação [...]” (COUTINHO, 2013, p.13) e afirma que não é possível identificar os critérios que mobilizam as crianças a partilhar sentidos por determinados pares, visto a tamanha heterogeneidade e complexidade desse grupo geracional.

Fica claro que a autora não aborda questões do cuidado diretamente, talvez pelo fato de focar na relação criança-criança. No entanto, ela faz uma observação que se faz importante para este trabalho. Ao trazer a questão da organização do tempo e do espaço como um definidor indireto das relações entre as crianças, a autora sinaliza o quão importante é planejar essas questões com cuidado, pensando em possibilitar às crianças vivência com crianças de outras faixas etárias, em horários diferentes, e em espaços diversos que preferivelmente passe por mudanças na organização, a fim de propiciar diferentes experiências e vivências para as mesmas.

Sobre as relações entre crianças de diferentes faixas etárias temos o estudo de Carolina Machado Castelli e Ana Cristina Coll Delgado (2015) que se chama “Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na Educação Infantil”. Segundo as autoras, as crianças são capazes de se relacionarem entre si e com quaisquer outras pessoas, entretanto as instituições educativas acabam as privando, pois definem com quem podem interagir e quando. A partir de Varela (1999) as autoras explicam que a separação por idade

ocorreu aos poucos até se tornar um critério de organização nas instituições educativas, essa organização está relacionada a níveis crescentes de complexibilidade e corresponde a supostas etapas de aprendizagem e desenvolvimento. Para as autoras, essa organização “[...] é uma forma de padronização, pois são estabelecidos e esperados, para cada idade, e conseqüentemente, para cada série, determinados comportamentos e saberes.” (CASTELLI; DELGADO, 2015, p.03).

Essa separação acaba definindo com quem as crianças podem ou até mesmo devem interagir, e conseqüentemente causa um distanciamento entre as crianças das outras turmas, além que despertar preferência pelas crianças da mesma turmas, já que é com estas que passam a maior parte do tempo e participam das mesma atividades. Além da naturalização dessa organização, as autoras afirmam que muitos adultos acreditam que as crianças maiores acabam machucando as crianças menores, e que as crianças menores acabam atrapalhando a brincadeira das crianças maiores.

Castelli e Delgado (2015) buscaram indagar essa organização, apostando que as crianças conseguem cuidar uma das outras e que os conflitos são frutos das relações humanas. Segundo as autoras, estudos mostram que a creche também educa, e que a pré-escola também cuida, ou seja, quando cuidamos do outro, também estamos educando, e quando estamos educando o outro, estamos de alguma forma demonstrando cuidado. Fundamentado em Boff (1999) as autoras afirmam que qualquer forma de cuidado só se materializa quando a existência do outro é importante para mim.

Mesmo que as instituições de Educação Infantil pouco proporcionem experiências fora de sala e com crianças de diferentes faixas etárias, esses momentos são direito das crianças. Embasadas em Campos e Rosemberg (2009), as autoras defendem que as instituições de Educação Infantil são contextos em que:

[...] bebês e crianças bem pequenas aproveitam a companhia de crianças maiores para desenvolver novas habilidades e competências [e] crianças maiores aprendem muito observando e ajudando a cuidar de bebês e crianças pequenas (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009, p. 22 Apud CASTELLI; DELGADO, 2015, p.15.).

Fica claro que não somente no processo de inserção, mas em todos os momentos o cuidado permeia, ou deveria permear, a relação com o outro. A partir da citação acima compreendemos que as crianças maiores cuidam e zelam pelas crianças menores, e as crianças menores são cuidadas e aprendem com as maiores, ou seja, aprendem a partir desse cuidado.

Ainda sobre a interação entre crianças de diferentes faixas etárias, ou melhor dizendo, a falta de interação entre crianças de diferentes faixas etárias, Caroline M. Cortelini

Conceição e Beatriz T. Daudt Fischer (2015) apresentam um estudo que se intitula “Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje” onde também sinalizam a falta de interação entre as crianças de diferentes idades.

Este estudo, no qual já citamos no início da seção, se deu a partir de um contexto no interior do Paraná na década de oitenta, sendo assim, só pode ser realizado a partir de análise documental e depoimentos. É importante que se leve em consideração o contexto da pesquisa para poder fazer comparações com os dias de hoje, a fim de observar se houve avanços significativos, ou se ainda caminhamos a passos lentos.

Esta pesquisa busca problematizar a cultura da creche e diferenciá-la da cultura escolar, sendo assim, as autoras destacam aspectos como o tempo, o espaço, as práticas, e as representações das creches. O texto foi organizado em três subtítulos e cada um deles explica uma dimensão que compõem a cultura da creche.

A primeira dimensão é a biológica, e está ligada a questões de saúde, higiene e nutrição, segundo as autoras essa dimensão se faz presente em toda a Educação Infantil, entretanto ocupa um espaço maior nos grupos de berçário. Nos depoimentos colhidos para a pesquisa, fica explícito que um dos aspectos que diferencia os grupos dos bebês dos demais grupos etários da creche é a condição biológica (nutrição/alimentação), associado ao papel de um sujeito brincante, e as demais faixas etárias uma condição de aluno, que está inserida em um conjunto de preocupações pedagógicas.

Ao sinalizar essa oposição entre uma concepção mais pedagógica para as crianças maiores em detrimento das menores, estabelece-se uma comparação, compreendendo a instituição creche como um contexto de desenvolvimento efetivamente atribuído ao grupo etário maior, enquanto que em relação aos bebês predominava mesmo a concepção de atendimento mais centrado no caráter biológico. (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015, p.04)

As autoras reconhecem que é recorrente essa restrição as competências dos bebês apenas a dimensões biológicas, essa ênfase voltada para as necessidades básicas aponta uma perspectiva adultocêntrica, onde os bebês não são vistos como sujeitos ativos e produtores de cultura.

Na pesquisa, fica claro que as autoras defendem e compreendem a importância do brincar, e que apesar de a brincadeira não ser uma ação exclusiva dos bebês, “[...] tem um papel significativo nas práticas com os pequenos porque se constituem na ocupação prioritária dessas crianças, nos momentos em que estas não estejam envolvidas em atividades da dimensão biológica.” (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015, p.05)

Na segunda dimensão, do espaço e objetos as autoras se baseiam em três autores (BARBOSA, 2001; FORNEIRO, 1998; HORN, 2004) para dizer que o espaço carrega

representações de adulto e de criança, apresenta marcas de um projeto educativo, e apresenta marcas de quem o ocupa, sendo assim, o espaço não é neutro, ele é signo e símbolo.

As instituições educativas refletem os modos de organização pedagógica, de dispor os materiais e pautar as práticas. No caso da instituição pesquisada, a falta desses materiais também dizem muito sobre este lugar. Nesta instituição foi destacada a improvisação do espaço (isso não é uma realidade somente desta instituição), e isso acaba expressando a guarda como objetivo principal da creche, inclusive uma das professoras da instituição se referiu a outra creche como “depósito de crianças”.

As autoras dizem que o espaço na Educação Infantil “é fundamental para o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, atuando na estruturação de funções motoras, simbólicas, sensoriais, lúdicas e relacionais” (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015, p.09).

Na terceira e última dimensão, onde se discute a rotina, as autoras dizem que a creche possui uma rotina que se altera em alguns aspectos de acordo com as especificidades dos grupos etários, que é dividido pelos bebês, as crianças pequenas, e as crianças maiores.

Na creche não há tempo, mas sim tempos, já que o tempo dos bebês não é o mesmo tempo vivido pelas crianças maiores. A rotina da Educação Infantil deve organizar atividades de interação entre crianças de diferentes grupos etários, no entanto essas interações têm ficado cada vez mais restritas a grupos de faixa etária mais aproximadas. A partir das fotos da festa¹⁷ do dia das crianças que houve na creche, as autoras sinalizam que a creche é um espaço de interação e relação, que apresenta tanto possibilidades de viver neste espaço, quanto possibilidades de interação com seus pares, com crianças mais velhas ou mais novas, com adultos, e com o espaço.

Para as autoras, as datas comemorativas se destacam como uma oportunidade de interação entre os diferentes grupos etários e de participação da comunidade na creche, além de expressarem um conjunto de conteúdos curriculares.

Ao final da pesquisa, Conceição e Fischer preocupam-se em esclarecer que “O cuidado não é a centralidade da prática, mas sim a centralidade da concepção de atendimento institucional partilhada no contexto investigado.” (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015, p.15-16).

Posto isso, as autoras compreendem que mesmo que se sobressaia a compreensão de creche como um lugar de cuidado, este espaço não se restringe somente a isto. Entretanto, as

¹⁷ Essas práticas festivas tinham uma importante marca cultural e lugar de destaque na creche no período investigado.

mesmas não aprofundam o conceito de cuidado, e compreendo que esta discussão nem é o foco da pesquisa que realizaram.

Outro texto que já foi citado no início da seção por apontar a necessidade de mais pesquisas na área é o texto da Furtado (2015), cujo título é “Concepções de creche: uma análise em periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação”, este texto traz algumas concepções de creche, e conseqüentemente fala sobre as atribuições deste lugar. A autora separou o resultado dos dados em três segmentos, sendo Legislação, Identificação da faixa etária de matrícula na creche, e Finalidade.

Antes mesmo de apresentar os dados com que se deparou ao decorrer de sua pesquisa, a autora apresenta que conforme legalmente instituído a creche “[...] deve ser garantida em ambientes educacionais e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, contemplando o cuidar e o educar.” (FURTADO, 2015, p.01).

Furtado (2015) inicia o primeiro segmento falando que em 27,7% dos artigos analisados a Constituição Federal de 1988 (CF/88) é reconhecida como um marco importante para a Educação Infantil. Nestes artigos “[...] os autores salientam que a CF/88 foi a responsável por conferir à creche uma atribuição educacional e não meramente assistencialista, como vinha sendo praticada.” (FURTADO, 2015, p.06).

Foi verificado que 16,8% dos artigos destacaram que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB 9.394/96) é um desdobramento da CF/88. Segundo esses artigos, foi a primeira vez na história brasileira que a Educação Infantil foi situada como primeira etapa da educação básica, de modo que a oferta de creche se dê para crianças de 0 a 3 anos, e pré-escola para crianças de 4 a 6 anos.

Em relação a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), 6% dos artigos consideram que esta também amparou o direitos das crianças a frequentarem a creche. Segundo esses artigos a CLT é resultado da pressão que as mães colocaram no Estado e na iniciativa privada, por conta da inserção destas no mercado de trabalho e das mudanças na organização e estrutura familiar, elas necessitavam de um lugar para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. A autora conclui a partir dos artigos que a CLT não conquistou o direito à creche no local de trabalho, mas um direito a amamentação durante o horário de trabalho. Isso fica evidente no trecho de um dos artigos:

Também nesse período de luta pela creche era evocado o Decreto- Lei nº 5.452, existente desde 1/5/1943, que aprovou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). No referido Decreto-Lei estão inclusos artigos que tratam sobre salas de amamentação no local de trabalho. (TEXTO 16, 2004, p. 201). (FURTADO, 2015, p.07 Apud RAUPP, 2004, p.201)

A autora compreende que a CLT avança no sentido de garantir às mães este espaço de guarda e proteção para deixar seus filhos durante o horário de trabalho, mesmo que isso tenha se dado a partir das necessidades das mães e não das crianças. No entanto, apesar de ser uma conquista para as mães, esse decreto-lei acaba reduzindo o atendimento das crianças a espaços que não necessariamente são educativos.

Foi observado que 12% dos artigos mencionaram outras legislações, como o Fundo de Manutenção da Educação Básica (FUNDEB), e o Plano Nacional de Educação (PNE). Esses artigos discutiram como o Fundo de Manutenção representou progresso com a inclusão da creche e da pré-escola no recebimento de recursos financeiros pela primeira vez. Esses artigos também destacam que essa legislação fez com que a Educação Infantil crescesse em números e em reconhecimento.

Com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério – Fundeb –, em substituição ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – Fundef –, que havia sido criado em 1996, logo após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB –, a creche e a pré-escola passaram pela primeira vez a ter seu financiamento previsto em lei, ao lado das demais etapas da educação básica. (TEXTO 1, 2011, p. 23). (CAMPOS, 2011, p.23 Apud FURTADO, 2015, p.08)

Quanto ao segundo segmento, que se refere a faixa etária que a creche atende, 18% dos artigos foram ao encontro com o que ressalta a LDB 9.394/96. No entanto, 10,8% se referiam a creche como um espaço educativo que atende crianças de 0 a 6 anos de idade, contemplando a faixa etária que corresponde a pré-escola, ou seja, crianças com faixa etária entre 4 e 6 anos de idade. Uma das hipóteses da autora é de que:

[...] a divisão em creches e pré-escolas, por idade, só se deu com a publicação da LDB em dezembro de 1996. E, como alguns artigos realizaram seu procedimento de coleta de dados anterior a esse ano, é provável que os pesquisadores tenham se deparado com instituições educacionais que atendiam a crianças de 0 a 6 anos e se intitulavam como creche. (FURTADO, 2015, p.09).

Em relação ao terceiro e último segmento da pesquisa, que discute a finalidade da creche, 13,2% apresentou a finalidade como espaço de guarda e proteção e espaço de cuidar e educar, 12% como espaço de interação, 9,6% atribuíram à creche a função de promotora do desenvolvimento integral das crianças, e 6% a função de impactar no desempenho das crianças em níveis posteriores de escolarização.

Os artigos que definiram a finalidade da creche como um espaço de guarda e proteção destacam a necessidade dos familiares e/ou responsáveis terem um lugar seguro para deixar seus filhos enquanto trabalham, as atividades baseiam-se em alimentação, cuidado com saúde e higiene e a formação de bons hábitos, dentro dessa perspectiva é considerado apto para o

exercício profissional aquele que exerça atividades similares às desenvolvidas no trabalho doméstico, ou seja, não é necessário ter formação específica.

Quanto aos artigos que definiram como espaço de cuidar e educar, a autora identificou que estes artigos compreendem que a função de cuidar e educar é uma prática indissociável da Educação Infantil. Nos artigos apareceu que o binômio precisa ser levado em conta nas creches e pré-escolas, de modo que as crianças tenham suas necessidades básicas, próprias de sua idade, atendidas. Pois, essa prática é direito tanto da família quanto da criança, não com caráter assistencialista, mas sim educativo, se for visto com um momento de interação entre criança-criança e criança-adulto. A dimensão do educar nesta primeira etapa da educação básica não tem caráter tradicionalmente escolar, nesta etapa ela é concebida como parte de um planejamento amplo e flexível que inclui tempos, espaços e materiais próprios para viver a infância.

Quanto a definição de espaço de interação, os artigos apresentaram que essa ideia de que a educação infantil é um espaço de interação é uma tendência que está incorporada nas concepções da psicologia. A interação entre pares é fundamental para o desenvolvimento humano, no entanto, segundo os artigos, a ênfase recai sobre a relação adulto/crianças, pois o adulto é visto como o parceiro mais competente para interpretar e complementar as ações das crianças, e conseqüentemente promover o seu desenvolvimento.

A definição de espaço promotor do desenvolvimento integral das crianças aparece nos artigos analisados como um espaço que visa favorecer o desenvolvimento de aspectos cognitivos, emocionais e sociais das crianças, complementando à família, de modo que inclua a aprendizagem e o domínio de novas aprendizagens. Porém, alguns dos artigos que estão incluídos nesse percentual identificaram que para promover uma educação que desenvolva a criança de modo integral, é necessário ter uma creche de qualidade, ou seja, formação inicial e continuada do profissional, tempos, espaços e materiais adequados às crianças. Dentre essas necessidades a mais destacada é o espaço, pois constata-se que este além de mostrar quais as concepções de criança, infância estão presentes na creche, precisa e deve ser considerado como um elemento educador.

E quanto ao espaço de impactar no desempenho das crianças em níveis posteriores de escolarização, os artigos que atribuíram esta função a creche à compreendem como uma etapa preparatória e determinante para o sucesso escolar no Ensino Fundamental, no entanto, esse assunto vem sendo pesquisado nas turmas de pré-escola e em uma porcentagem menor, também nas creches.

A autora conclui, e retoma a afirmação que inicialmente já havia feito, de que apesar de os artigos analisados terem apresentado compreensões diferentes no que diz respeito a finalidade da creche, a verdade é que a finalidade dela de acordo com os preceitos legais, é a de ofertar o desenvolvimento integral da criança de modo que as práticas pedagógicas que são desenvolvidas revertam-se na indissociabilidade de cuidar e educar.

Embora tanto a autora quanto os artigos analisados tenham separado as finalidades, o espaço de desenvolvimento integral e de cuidar e educar ocorrem paralelamente, ou seja, quando se tem uma prática pedagógica voltada para um desenvolvimento integral, consequentemente é preciso que essa prática esteja ancorada no cuidar e educar.

Compreendo que o desenvolvimento integral vai além de desenvolver aspectos cognitivos, emocionais e sociais, ou seja, além de mediar o desenvolvimento da psicomotricidade, da compreensão das emoções e sentimentos, e das relações sociais em determinada cultura, envolve um desenvolvimento ético.

Pode-se dizer que o desenvolvimento ético, ou em outras palavras, o cuidado de si, seja uma das atribuições mais difíceis que a professora deve colocar em prática, e ao mesmo tempo talvez seja a mais importante. Além de mediar os desenvolvimentos supracitados, a professora deve ter cuidado em relação a sua prática pedagógica, de modo que cuide das crianças com o intuito de fazê-las cuidarem de si mesmas, para que simultaneamente ou posteriormente cuide tanto de si nos aspectos físicos, emocionais e sentimentais, quanto das outras pessoas, dos animais, dos espaços, e outros. Quando esse cuidado ético ocorrer, o desenvolvimento integral estará efetivamente sendo realizado.

Outro aspecto que ainda não discutimos mas que encontramos no texto da Joselma Salazar de Castro (2013), é a linguagem. Essa discussão se faz necessária já que este trabalho fala diretamente sobre os bebês, que dependendo da sua faixa etária e seu desenvolvimento ainda não fazem uso da linguagem oral.

Na pesquisa intitulada “A constituição da linguagem entre os e dos bebês no espaço coletivo da Educação Infantil” a autora busca compreender como ocorre a constituição da linguagem de bebês de sete meses a um ano e seis meses de idade, já que foi este o grupo no qual a autora realizou a pesquisa de campo. Além disto, a autora faz a análise da constituição da linguagem a partir da Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin.

A autora observa quais estratégias de comunicação eram mais frequentes entre os bebês e constatou que a apropriação, a produção de atos sociais entre pares, como a forma de comunicação que sobressai na cultura constituída no espaço e no tempo do cotidiano da Educação Infantil.

Segundo Castro, a constituição da linguagem é dialética, além de dialógica, pois estabelece-se a partir de constantes transformações que modificam a ação do sujeito e são modificadas por ele. Visto que “a partir dos próprios atos sociais, gradualmente, atos mais complexos começam a ser elaborados, conforme as apropriações do sujeito e à legitimidade que o outro lhe confere.” (CASTRO, 2013, p.04)

Baseado nos estudos de Bakhtin, a autora observa que o homem só se torna um sujeito de linguagem a partir da relação com o outro, dialogicamente. Apoiada em Barros (2005), estudiosa de Bakhtin, a autora afirma que o processo dialógico “se constitui por pelo menos dois sujeitos e, da mesma forma, também se constitui como um diálogo entre discursos, em um contexto social com a participação de sujeitos sociais.” (CASTRO, 2013, p.04).

Outro conceito que permeou a análise do estudo de Castro (2013) foi conceito de polifonia, que segundo Rosinete Schmitt (2014) ao decorrer do processo de constituição da relação entre criança-adulto e criança-criança, são incorporadas outras vozes que os constituem neste processo. Ou seja, as relações construídas na Educação Infantil não contam apenas com as condições imediatas do ser crianças ou ser adulto, pois mesmo que essas relações sejam condensadas pelos sentidos e significados atribuídos a Educação Infantil, também são atravessadas pelas composições sociais que formam os sujeitos em outros espaços. Deste modo, os bebês possuem outras vozes sociais, que foram e vão sendo desenvolvidas em outros espaços, como ambiente familiar, classe social, gênero, e outros, portanto os bebês não são indiferentes frente ao outro.

Durante a pesquisa a autora sentiu ter sido invadida pelas outras vozes dos bebês, “às vezes permeadas por atos ausentes de palavras e verbalizações, mas carregadas de sentidos que propiciavam a alteração de meus pontos de vista.” (CASTRO, 2013, p.05).

Castro (2013) aponta a importância da autonomia no espaço coletivo da Educação Infantil, autonomia no que diz respeito a planejamento e organização, promovida de forma intencional pelas professoras. Este apontamento fica evidente quando a autora diz que mesmo quando as professoras não estão atentas às constantes atuações dos bebês, eles estão observando, explorando, sentindo, e reelaborando as coisas que percebem e vivenciam no cotidiano da Educação Infantil, pois os bebês se apropriam de aspectos externos em que participam e atuam, manifestam e reelaboram individualmente os modos com que compreendem o entorno. “A experiência dos bebês não se limita àquela prevista pelo adulto; define-se pela profundidade de seus atos. Os bebês agem com intensidade e empenham-se para manifestar suas potencialidades.” (CASTRO, 2013, p.07)

A autora observou durante a pesquisa, o quanto os bebês são capazes de criar estratégias para ter seus desejos e suas necessidades satisfeitos.

O choro de Flávia, que nos primeiros meses de vida era emotivo, mas dirigindo-se para o social, como afirmara Wallon (1975), gradualmente ganha um sentido social, conforme o outro lhe confere significados. Assim, foi possível perceber que os bebês tomam atitudes uns com os outros e não se trata de um ato involuntário, mas carregado de sentidos estabelecidos na interação social entre eles. (CASTRO, 2013, p.10)

Em vários momentos a autora também observou os apontamentos positivos que as professoras davam para os atos autônomos das crianças com o intuito de incentivá-las a obter novas conquistas. Essas atitudes além de serem importantes nas relações e promoverem mais segurança para os bebês, gradativamente institucionalizam os modos de socialização e relação entre os sujeitos que compartilham essas experiências.

Em um trecho do texto, a autora ressalta o desafio das professoras conseguirem atender quinze bebês ao mesmo tempo, fazendo com que muitos não sejam atendidos de imediato. Desta maneira, ao perceber a fragilidade da estrutura organizativa os bebês agem e modificam de forma individual e coletiva o funcionamento da rotina.

Percebo que mesmo não sendo central, a autora abordou a questão do cuidado. É possível ainda, observar que a demora em atender determinadas crianças acabou possibilitando às mesmas a oportunidade de modificar a realidade social e individual, ou seja, as crianças tiveram a oportunidade de tentar realizar algumas tarefas sozinhas ou tentar encontrar outra solução para os obstáculos que surgem.

A falta de atendimento para essas crianças, conseqüentemente oportunizou a possibilidade das mesmas conquistarem a autonomia ou superarem algum desafio. Por esta razão, tanto Castro (2013) quanto outros autores abordam a questão do planejamento e organização do espaço com tamanha importância, pois por ser humanamente impossível as professoras estarem com todas as crianças o tempo todo, elas alternadamente ou coletivamente exploram e alteram os espaços sem a mediação física das profissionais.

Constata-se, desse modo, que a estrutura do espaço coletivo é permeada pela sutileza do agir dos bebês, que não se furtam em encontrar na experiência do vivido, novas estratégias para agirem. Observa-se, mais uma vez, que a creche dispõe de apenas duas profissionais para atender quinze bebês ao mesmo tempo, assim as crianças começam a criar recursos entre elas para serem atendidas mais rapidamente, o que alarga também as estratégias criativas entre as mesmas. Entretanto, vejo como inviável para as professoras, conseguirem intervir em todas as ações dos bebês, muitas vezes, nem percebidas por elas, devido à demanda da rotina e das diferentes necessidades e exigências de quinze bebês, individualmente. Mas, compreende-se, ainda, que mesmo havendo necessidade de uma condição estrutural mais adequada, talvez com mais uma profissional em sala, é notável a capacidade dos bebês em encontrar meios de se defenderem e agirem sobre as condições ora colocadas. (CASTRO, 2013, p.14)

Concordo com a autora quando a mesma afirma que é inviável para a professora conseguir intervir em todas as ações dos bebês, até porque intervir sempre e diretamente nem é o objetivo da prática pedagógica pautada no cuidar e educar. O que a professora pode e deve fazer é cuidar, pensar e organizar um espaço que possibilite a experiência, a descoberta, a imaginação, a conquista e tantas outras dimensões, para as crianças que estão sem mediação física das professoras.

A autora conclui que os bebês percebem o resultado de suas ações, e criam novas estratégias para agir e se comunicar. Sendo assim, o corpo, as expressões, os gestos, o olhar, o riso, o choro, e até mesmo o silêncio se convergem na constituição da linguagem. Os bebês possuem muitas possibilidades comunicativas que vão gradualmente se complexificando até tornar-se verbal.

Sendo assim, é necessário que as professoras estejam muito atentas nesse período em que os bebês utilizam das estratégias comunicativas, já que ainda não fazem uso da linguagem verbal. Se atentar para aquilo que o bebê quer comunicar e/ou demonstrar fazer parte do cuidado pedagógico.

Sobre o texto “Constituindo o bebê como um conceito teórico no interior da sociologia da infância” de Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Anete Abramowicz (2013) podemos destacar a importância da defesa realizada:

A partir da análise da produção bibliográfica... problematizamos a utilização de conceitos e metodologias, para o estudo dos bebês, propostos para o estudo das crianças (tais como os conceitos de infância, geração, e culturas de pares) e ressaltamos a necessidade de constituirmos teoricamente o bebê no interior dos Estudos da Infância, como uma categoria analítica independente. (TEBET; ABRAMOWICZ, 2013, p.02)

A autoras contribuem com as especificidades da docência com os bebês e os aprofundamentos que daí decorrem sobre o cuidar e educar indissociados.

Assim, no interior desse movimento, iluminamos a presença/ausência dos bebês no interior do campo da infância e indicamos algumas linhas para que eles possam ser pensados mais singularmente. Entendemos que olhar para os bebês, a partir da Sociologia da Infância (ou da Antropologia, da Geografia, da Filosofia, etc.) implica reconhecer a especificidade dos bebês na tessitura social, bem como reconhecer as limitações do campo para o seu estudo. (TEBET; ABRAMOWICZ, 2013, p.02)

A partir da análise dos textos selecionados percebi que alguns não discutiam propriamente a questão do cuidar e educar, entretanto, contribuíram grandemente com este estudo, já que o cuidar e o educar são constituídos de vários princípios e intersecciona-se com muitas temáticas. Ao apresentar as questões que nortearam os textos analisados

consequentemente fomos apresentando o conceito de cuidar e educar por partes, acredito que esse modo de apresentar os dados tenha tornado a compreensão deste conceito mais fácil, ou talvez menos complexo. Apresentar e explicar cada princípio que constitui este conceito é fundamental para que tenhamos conhecimento da amplitude e dimensão do cuidar e educar.

Todos os textos selecionados e discutidos neste estudo apresentam possibilidades de aprofundamento sobre cuidar e educar, pois mesmo que estes venham sendo discutidos a muito tempo eles ainda apresentam problemas no cotidiano das creches, portanto, precisam ser mais estudados, pesquisados e discutidos. Sendo assim, é necessário e possível que outros trabalhos se debruçam no material que este estudo analisou.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos de Daniela Guimarães (2008), Fernanda Tristão (2004) e outros, juntamente com as análises dos textos selecionados, concluo que o cuidar e o educar são indissociáveis. O cuidado não educa somente quando alguma ação é narrada para os bebês, como por exemplo, explicar aos bebês o motivo pelo qual sua fralda será trocada, que sua roupa será retirada, que irá sentir um lenço gelado, e assim por diante. Narrar esses momentos tem muita importância, mas seria ilusório acreditar que isso ocorre com todos os bebês todos os dias, na maioria das vezes esses momentos ocorrem em silêncio, e são permeados principalmente pelos olhares entre professora ou professor e bebê, olhares que depositam, direcionam atenção e intenção na ação realizada, nos sujeitos da relação.

Inicialmente essa era uma das questões que mais me renderam dúvidas, afinal, se cuidar e educar são indissociáveis e narrar as ações de cuidado para os bebês não é o único aspecto principal, o que é de fato cuidar e educar? Um cuidado que educa seria planejar especificamente os momentos de troca, alimentação, e sono? Seria possibilitar experiências sensoriais nos momentos de alimentação? Seria incentivar os bebês a comerem sozinhos? Parecia-me que o cuidado estava ligado somente a questões biológicas, precisei ler e reler diversos textos para compreender que o cuidar e o educar, como um binômio, vai para além da dimensão biológica.

É impossível educar sem cuidar, pois o cuidado não é uma especificidade somente da Educação Infantil, mas sim, constituinte das relações humanas. O cuidar e o educar são indissociáveis, quando as professoras e professores têm a intenção e ação de educar uma criança, conseqüentemente está tendo a intenção e ação de cuidar desta, e vice-versa. Por isso, enfatizamos que o cuidado não está restrito somente a demandas biológicas. Entretanto, quando dizemos que as professoras e professores educam, e conseqüentemente cuidam, queremos dizer que essa educação precisa estar voltada para o cuidado, essa educação precisa ser consciente e intencional.

Para cuidar do outro é necessário primeiro um cuidado de si, no sentido de um ato responsivo, que reconhece a importância e a necessidade de cuidar de si, suas intencionalidades, suas atitudes, e seus pensamentos, pois paralelamente ou sucessivamente ao cuidar de si, as professoras e professores estarão cuidando do outro com a intenção de fazer com que o outro tenha também um cuidado de si próprio. O cuidado deve ser feito baseado no

presente, mas sem esquecer que há uma pertença a algum passado, e que precisa de uma projeção para o futuro. Contempla questões do cotidiano, mas também buscar dar conta das questões da vida. O cuidado requer ocupar-se da vida, seja consigo ou com a vida do outro.

O cuidado também se faz presente quando as professoras e professores percebem e possibilitam às crianças o “fazer a sós”, que além de possibilitar e incentivar a criança a levar a colher à boca, andar, e/ou pegar algo, também dá a possibilidade para experienciar os espaços e a si mesma com base em suas próprias iniciativas e vontades. Através do cuidado com a organização do espaço, as/os docentes acabam encorajando as crianças de forma não invasiva.

Ficou claro, tanto na leitura dos textos base quanto na leitura dos textos analisados do GT07 da ANPEd (anos 2013, 2015 e 2017) , que muitas professoras e professores possuem dificuldade de colocar na prática o cuidar e o educar de modo indissociável, muitas destas veem a creche como um espaço de guarda e proteção, onde os bebês demandam serem alimentados, trocados, e protegidos, e as crianças maiores demandam atividades e brincadeiras. Essas visões apareceram tanto em uma pesquisa contextualizada na década de oitenta, quanto em uma pesquisa que analisou periódicos dos anos de 1997 a 2011. Ou seja, de 1980 a 2011 a visão de muitas professoras e professores permaneceu a mesma, e ainda hoje, em 2019, muitas ainda veem a creche desta forma.

O cuidado ao qual o binômio cuidar e educar se refere, é um cuidado que além de zelar pela dimensão biológica, contempla o cuidado ético. Esse cuidado ético diz respeito a um cuidado de si, no sentido de cuidar-se, observar-se, perceber-se, estranhar-se, e questionar-se, para só então cuidar do outro de modo a fazê-lo cuidar de si próprio, também de modo ético. A partir do envolvimento responsável e intencional que as professoras e professores têm com os bebês, e a instituição, elas cuidam, ou deveriam cuidar, de suas próprias ações, gestos, expressões, organização do espaço e do tempo, e outros. Esse cuidado possibilita às crianças diversas vivências, aprendizagens e experiências, como por exemplo: interagir com crianças de diferentes faixas etárias, explorar o maior número possível de espaços das instituições, ter um processo de inserção mais agradável, etc.

Destaco que a ausculta é um aspecto importantíssimo do cuidado, é através da ausculta que as professoras e professores observam e compreendem as demandas dos bebês através de

suas expressões corporais e faciais, seus gestos, seus movimentos, e seus olhares. Desse modo, a ação pedagógica consegue responder efetivamente às demandas dos bebês.

É importante e necessário que as professoras e professores façam uma educação que tenha como um dos princípios fundamentais o cuidado, pois a educação atenta ao cuidado, aquela que intenciona eticamente sua direção e forma, possibilita a construção de uma geração que zela pelo cuidado do outro. Por esta razão é possível afirmar que a educação constrói e transforma a sociedade, entretanto, ao mesmo tempo em que realizamos uma prática pautada no cuidado ético devemos levar em consideração que os bebês são polifônicos, ou seja, que são constituídos por várias outras vozes, como classe social, raça, gênero, e outros. Essas outras vozes que compõe os bebês faz com que o modo que cada um deles vai ser afetado pela prática pedagógica seja diferente e único.

Desde o início deste trabalho venho defendendo a figura masculina como capaz de ser professor, devemos e precisamos romper a ideia de que o cuidado é uma função do gênero feminino. O cuidado que discutimos neste trabalho demanda não somente formação, mas principalmente, uma formação específica. É ela que promove (ou deveria promover) a compreensão das ações pedagógicas, pois não basta fazer, é preciso saber o que, e o porque do que se está fazendo. Isto é, seja homem ou mulher, se não houver formação nenhum dos dois é capaz de desenvolver um cuidado pedagógico, ou melhor dizendo, o cuidar e educar. E se tanto a mulher quanto o homem tiverem uma formação adequada, não há razões para dizer que um é capaz de praticar a docência e o outro não, por conta que questões que a sociedade construiu historicamente.

Fazer um trabalho de conclusão de curso não é fácil, demanda muita leitura e releitura, ainda mais quando se trata de um trabalho, cujo objetivo é analisar textos. Realizei leitura para uma primeira aproximação, leitura para realizar os fichamentos, leitura para produzir os resumos, e leitura para produzir o trabalho em si, além de ler tantas outras vezes para tentar compreender melhor determinados textos. Foi necessário também muito estudo, por vezes tive que ler estudos de vários autores e autoras para encontrar ao menos um que fosse de encontro com aquilo que eu defendia, para que eu pudesse fundamentar teoricamente as minhas defesas. Entretanto, de todos os processos que um TCC é composto, o processo de escrito foi o mais difícil. É preciso ter cautela para não se equivocar, é preciso detalhar todo o processo de estudo para que fique claro para o leitor todos os processos do trabalho, é preciso voltar naquilo que já foi escrito para conferir, organizar, e até mesmo reescrever.

Essa etapa da graduação é difícil, e trabalhando quarenta horas semanais ela se tornou árdua. Foi necessário abrir mão do descanso até mesmo no local de trabalho, às vezes os intervalos e o horário de almoço foram usados para leitura e correção do texto. Muitos finais de semana e feriados foram completamente destinados a estudar, a ler e a escrever. Sei que há muito mais para se discutir neste trabalho, mas reconhecendo as dificuldades que enfrentei para concretizá-lo já tenho a sensação de dever cumprido, satisfação e orgulho.

Dedicar-se um semestre inteiro, para estudar especificamente um assunto, com certeza deixa uma grande marca nesse processo da graduação. A dedicação é tão intensa, que ao decorrer do processo parece que o estudo começa a fazer parte de quem se dedica a ele. Em muitos momentos aleatórios me peguei pensando sobre o estudo, repentinamente algo começava a fazer sentido e era necessário registrar para garantir que aquele pensamento não se perdesse. É prazeroso quando todas aquelas dúvidas iniciais começam a ter lógica, e coerência. Em nenhuma outra etapa da graduação me senti tão desafiada, e ao mesmo tempo encorajada e elucidada.

REFERÊNCIAS

ANPED. <http://www.anped.org.br/sobre-anped>

ÁVILA, Maria José Figueiredo. **As Professoras de Crianças Pequenininhas e o Cuidar e Educar**: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP. Campinas/SP, 2002. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

BARBOSA, Maria Carmem. As especificidades da ação pedagógica com bebês. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

BARBOSA, M^a Carmem S.; HORN, M^a DA Graça S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E.(Org.). Educação infantil – pra que te quero? Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Presses Universitaires de France. Edições 70. Lisboa. 1977.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. **BEBÊS QUE SE RELACIONAM COM CRIANÇAS MAIS VELHAS: CUIDADOS E CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2015, Florianópolis - SC. Anais da ANPED... Florianópolis: GT 07, ANPED, 2015.

CASTRO, Joselma Salazar de. A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM ENTRE OS E DOS BEBÊS NO ESPAÇO COLETIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36, 2013, Goiânia - GO. Anais da ANPED... Goiânia: GT07, ANPED, 2013.

CERISARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar**: por onde anda a educação infantil?. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.17, n.Especial, p.11 - 21, jul./dez. 1999.

CONCEIÇÃO, Caroline M. Cortelini; FISCHER, Beatriz T. Daudt. **BERÇOS, FRALDAS, MAMADEIRAS, CHUPETAS E SUCATAS: CULTURA DE CRECHE AQUI E LÁ, ONTEM E HOJE**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2015, Florianópolis - SC. Anais da ANPED... Florianópolis: GT 07, ANPED, 2015.

CORSARO, William A. Le culture dei bambini. Bologna: Mulino, 2003.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. **AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS BEBÊS NA CRECHE**: um estudo numa perspectiva sociológica. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE

PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36, 2013, Goiânia - GO. Anais da ANPED... Goiânia: GT07, ANPED, 2013.

DAGNONI, Ana Paula Rudolf. **Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?** Dissertação (mestrado) - Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, 2011.

DUARTE, Fabiana. **PROFESSORAS DE BEBÊS: AS DIMENSÕES EDUCATIVAS QUE CONSTITUEM A ESPECIFICIDADE DA AÇÃO DOCENTE.** In: Congresso de educação básica: Aprendizagem e currículo. Florianópolis, SC, 2012.

FORNEIRO, Lina I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

FURTADO, Michelle Abreu. **CONCEPÇÕES DE CRECHE: UMA ANÁLISE EM PERIÓDICOS NACIONAIS A1 E A2 DA ÁREA DE EDUCAÇÃO.** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2015, Florianópolis - SC. Anais da ANPED... Florianópolis: GT 07, ANPED, 2015.

GONÇALVES, Fernanda. **A EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NO CONTEXTO DA CRECHE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de PósGraduação em Educação. Florianópolis, SC, 2014. 202 p.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **NO CONTEXTO DA CRECHE, O CUIDADO COMO ÉTICA E A POTÊNCIA DOS BEBÊS.** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31, 2008, Caxambu. Anais da ANPED... Caxambu: GT07, ANPED, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/trabalho07.htm>>. Acesso em: 15 Ago. 2019.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre Crianças e Adultos no Berçário de uma Creche Pública na Cidade do Rio de Janeiro:** técnicas corporais, responsividade, cuidado. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

KRAMER, Sonia. Direitos da Criança e Projeto Político Pedagógico de Educação Infantil. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri & KRAMER, Sonia. Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2003 (a). p. 51-81.

KUHLMANN, Jr. Moysés. Educação Infantil e currículo In: GOULART FARIA, Ana Lucia; PALHARES, Marina (orgs). Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios. São Paulo: Editores Associados, 1999.

MONTENEGRO, Thereza. **Educação Infantil:** a dimensão moral da função de cuidar. Revista Psicologia da Educação. São Paulo, n. 20, 1º semestre de 2005, p.77-101.

REIS, Lucilaine Maria da Silva. **INSERÇÃO E VIVÊNCIAS COTIDIANAS: COMO CRIANÇAS PEQUENAS EXPERIENCIAM SUA ENTRADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36, 2013, Goiânia - GO. Anais da ANPED... Goiânia: GT07, ANPED, 2013.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil.** In: FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil. Florianópolis, SC: SME, 2010.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; KRAMER, Sonia (orgs.). **Educação infantil: Enfoques em diálogo.** Campinas, SP: Papyrus, 2011. - (Série Práticas Pedagógicas)

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“MAS EU NÃO FALO A LÍNGUA DELES!”: AS RELAÇÕES SOCIAIS DE BEBÊS NUM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de PósGraduação em Educação. Florianópolis, SC, 2008, p.217.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos; ABRAMOWICZ, Anete. **CONSTITUINDO O BEBÊ COMO UM CONCEITO TEÓRICO NO INTERIOR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36, 2013, Goiânia - GO. Anais da ANPED... Goiânia: GT07, ANPED, 2013.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **SER PROFESSORA DE BEBÊS: um estudo de caso em uma creche conveniada.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2004, p.205.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **SER PROFESSORA DE BEBÊS: uma profissão marcada pela sutileza.** Zero-a-Seis, v. 6, n. 9, Jan./Jun. 2004, p. 1-14.

VARELA, J. **Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo.** In: COSTA, M. V. (Org.). Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo. São Paulo: Cortez, 1999. p.73-106.